

EREMITA

# TRINTA ANOS ESCRAVIZADO À TORRE DE VIGIA

*A Confissão  
duma Testemunha  
de Jehová  
Convertida ao  
Cristianismo*

por William J. Schnell

# **TRINTA ANOS ESCRAVIZADO A TORRE DE VIGIA**

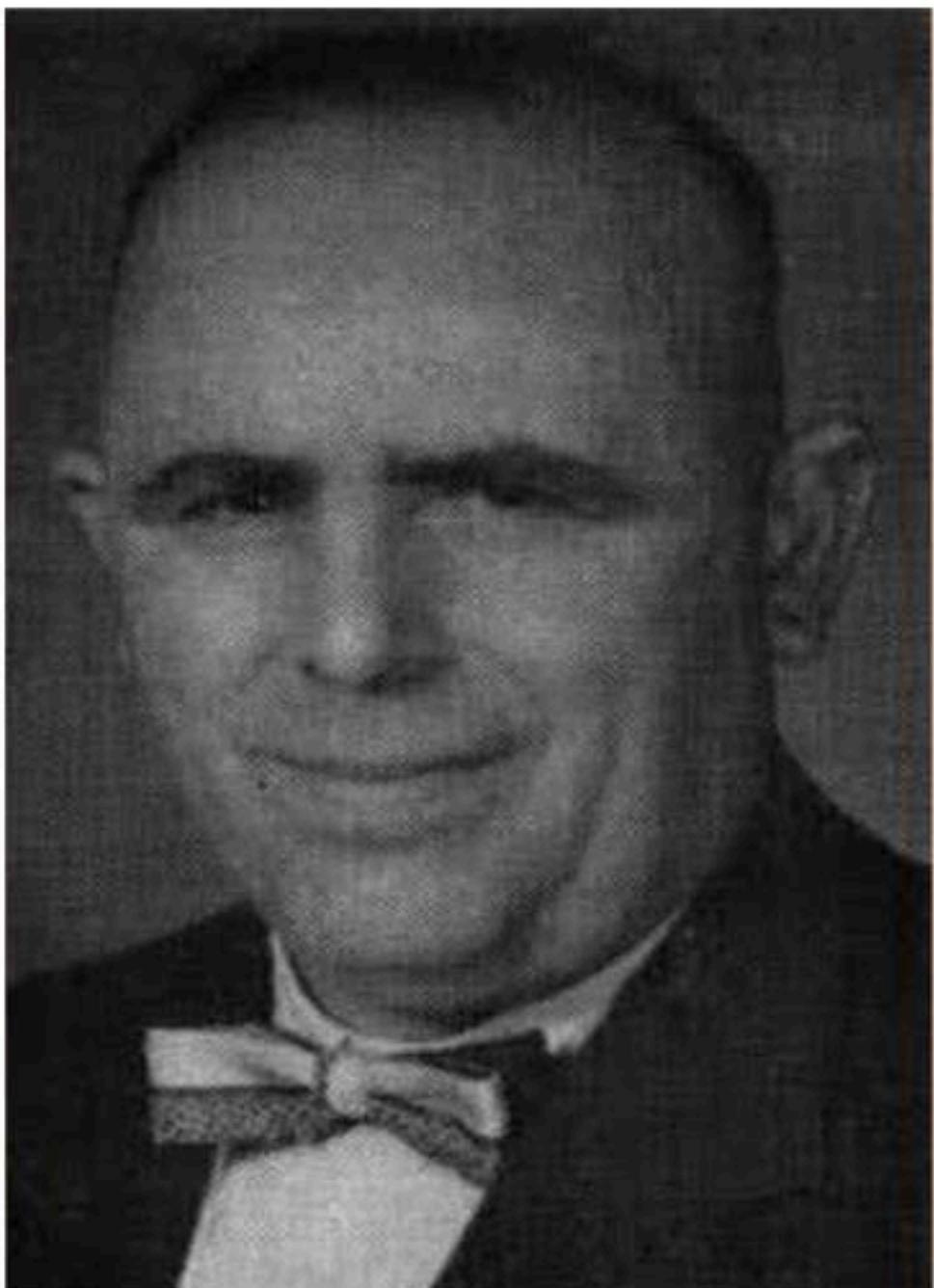
**A Confissão duma Testemunha de Jehová  
Convertida ao Cristianismo**

por **WILLIAM J. SCHNELL**

Foi em 1952 que William J. Schnell lutou com Deus em oração durante toda uma noite de agonia e angústia. Ao despontar do dia sentiu a alma em paz e um cântico no coração. Pela primeira vez em 30 anos Schnell sabia o que significava a liberdade. Durante essas três décadas esteve escravizado por um dos sistemas mais totalitários do século XX. Nessa manhã, quando deixou de estar de joelhos, determinou revelar ao mundo os subterfúgios da Torre de Vigia.

Como um polvo gigantesco, essa Sociedade estendeu os tentáculos a todos os pontos do globo. Este livro é uma advertência poderosa para os que se vêem assediados pelos que, falsamente, tomam o nome de Testemunhas de Jehová. É também um apelo do sr. Schnell aos seus ex-irmãos na esperança de os ver livres do jugo e gozarem a «liberdade que há em Cristo Jesus».

As informações lidedignas sobre esse movimento agressivo, e que este livro contém, ser-vosão salutares. Não descuideis, pois, a sua leitura. Mais cedo ou mais tarde podereis ter que enfrentar as suas maquições perversas.



**William J. Schenell**

*Scans corrigidos por:*  
EREMITA



# TRINTA ANOS ESCRAVIZADO À TORRE DE VIGIA

<http://escravodaverdade.blogspot.com>

---

A Confissão duma Testemunha de Jehová  
Convertida ao Cristianismo

---

Por William J. Schnell  
Tradução de Guilherme A. Reis



DOCUM  
Centro de Documentação Bíblica  
R. D. Luis Coutinho 58  
LISBOA-6  
(Portugal)



2.ª edição em Português

**Copyright: 1962**

Edição Portuguesa  
por Baker Book House  
Grand Rapids, Michigan



**TESTEMUNHAS DE JEOVÁ**  
**COMpromisso com a Verdade**

*DEDICADO À MEMÓRIA DE MEU PAI  
QUE, AO MORRER, DECLAROU: «MEU  
FILHO, NÃO TERÍAMOS NÓS ERRADO  
AO SEGUIRMOS A NOSSA RELIGIÃO?»*

Este livro foi digitalizado por Ellipsis para ajudar todas as pessoas que são Testemunhas de Jeová a realmente conhecerem o passado, o inicio dessa seita. Serve também para alertar aqueles que proventura estão a estudar ou têm contacto com as TJ.

Não odeio as TJ pois todas elas são vítimas de uma lavagem cerebral, cuidadosamente preparada pelo tal Escravo Fiel.

As bençãos de Jeová Deus e Seu filho o Senhor Jesus Cristo. Atos 17:11

## *INTRODUÇÃO*

*Pela graça de Deus sou cristão. Ouvi a chamada do Senhor quando era muito jovem. Seduzido, pouco depois, pela Organização da Sociedade da Torre de Vigia fiquei-lhe, mais tarde, completamente escravizado. Ao sentir a minha vida espiritual entrar em decadência, tentei por várias vezes libertar-me, mas todos os esforços foram inúteis. Cada tentativa redundava numa maior escravidão. Por duas vezes pensei que estava livre, apenas para verificar que voltara a ser presa dessa terrível sujeição. Agora, porém, sou novamente livre.*

*O Senhor, na Sua muita graça, libertou-me depois de eu ter passado uma noite em oração. Cheio dum nova vida espiritual fiz, nesse momento, um voto ao Senhor!*

*Ao escrever a história dos trinta anos da minha escravidão cumpre esse voto que me libertou pela Sua graça e poder. Não é um tratado científico que ides ler. É antes a história vivida e sofrida de uma escravidão tão profunda, que foram precisos trinta anos para dela me libertar. Ao contar como ela se operou, cumpre um propósito cristão. Se o leitor se encontra mergulhado nessa escravidão, por ser uma Testemunha de Jehová, estou certo que estas revelações ajudá-lo-ão a avaliar condignamente a sua*

*situação. E, em vez de andar às cegas, poderá assegurar o único caminho certo e seguro que eu só encontrei depois de muitas tentativas, erros e ansiosos. Se não é uma Testemunha de Jehová poderá ficar precavido contra o perigo. Este livro será, assim, uma ajuda eficaz para todos. A tinta deu forma às palavras que contam esta história, mas o seu significado espiritual e as ideias que encerram foram escritas com o meu próprio sangue e sob as emoções e torturas que passei num inferno muito mais real do que o inferno de Dante.*

*Não alimento qualquer rancor para com os meus antigos irmãos nem me movem interesses pessoais ao escrever estas linhas. O meu objectivo é cumprir o voto que fiz quando o Senhor me libertou, para ser novamente um Cristão!*

*W. J. SCHNELL*

*Youngstown, Ohio.*

## CAPÍTULO I

### INOFENSIVO NA APARÊNCIA

#### A Chamada do Senhor

Tinha doze anos quando Deus me chamou. Numa manhã de Domingo, em Julho de 1917, fui à Escola Dominicana numa igreja luterana. Nesse momento senti-me profundamente tocado pela visão de Jesus, o nosso Salvador, como o Bom Samaritano. O professor descreveu a parábola e explicou os motivos que levaram o Senhor a expô-la aos Seus ouvintes. Essa explicação despertou em mim o desejo de estudar a doutrina de Cristo. Pude ver, também, que o Seu conceito de auxílio ao próximo transcendia o de nacionalidade, religião e classe. Viviam-se, então, os dias agitados do terceiro ano da primeira Guerra Mundial. Tudo isto inflamou a minha imaginação, decidindo aprender todas as coisas que se relacionassem com Jesus, Seus ensinamentos e pormenores da Sua vida.

Naquele domingo, ao voltar a casa cerca do meio dia, devorei sofregamente os quatro Evangelhos. Li, em seguida, o Novo Testamento completo e depois o Velho. Fiz uma leitura sistemática e mais tarde vim a compreender que o Pai

Celestial me chamara naquele momento, conforme a promessa do Senhor Jesus: «Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, o não trouxer» (João 6:44). Ao estudar as Escrituras Sagradas senti que necessitava dum Salvador. O crescente conhecimento da minha verdadeira posição, e a compreensão dos planos de Deus para a minha salvação em Jesus, que não é só o Bom Samaritano mas é também o Bom Pastor, tornaram-se absolutamente claros para mim. Aprendi com alegria que o Senhor morreu na Cruz pelos pecadores como eu, que os meus pecados foram lavados pelo Seu sangue e que, ao ressuscitar, Ele venceu a morte por mim e por todos os que, por fé, O aceitem. Fiquei absolutamente certo que Ele me havia remido, e que eu entrara numa nova vida. Aceitei com firmeza e confiança estas duas verdades que se apoderaram da minha alma e transformaram, inteiramente, a minha vida.

Assim, ao completar os catorze anos senti-me constrangido pelo Espírito a receber a Cristo como meu Senhor e Salvador, a dar-me por Ele ao Pai e a considerar-me vivo para Ele e morto para a minha vã maneira de viver. Passei pela experiência do novo nascimento em Cristo. Um manancial de água viva correu em mim, de tal maneira, que me encheu a existência de uma força espiritual desconhecida. Saltava de alegria, cantava com todas as forças da minha alma, sentia o coração cheio de júbilo e via tudo por um prisma diferente. As coisas desta vida, com os seus prazeres e riquezas, desvaneceram-se por completo.

Pertenço a uma geração que cresceu na Europa sob a acção directa da primeira Grande Guerra e que, por isso, perdeu toda a estabilidade e paz, muito antes de alcançar a maturidade. Muitos dos meus companheiros foram dominados pelo desespero que os levou ao Comunismo, ao ateísmo ou ao Nazismo. E eu, sem pensar, vi-me acorrentado a um outro ismo, mais terrível ainda, pois durante trinta anos fui escravo do Ressulinismo, a religião da «TORRE DE VIGIA». Como mostrarei de forma incontestável, esta Organização, usando de astúcia, aproveitou a confusão que se estabeleceu durante esses anos,

para dar forma a uma Sociedade dum Novo Mundo que, segundo dizem e esperam, durará mil anos.

#### A Deriva

Nasci em 1905 na cidade e estado de Nova Jersey, E. U. A. Aos nove anos de idade fui com meus pais à Alemanha, sua terra natal. Esta viagem teve lugar em Maio de 1914 e nessa altura nem se pensava na possibilidade duma guerra. Quando esta rebentou procurámos voltar aos Estados Unidos. Não conseguimos o nosso objectivo porque meu pai não se tendo naturalizado americano, foi mobilizado pelos exércitos dos Poderes Centrais. Depois da sua partida eu, minha mãe, um irmão, uma irmã e um bebé que viria a nascer mais tarde, instalámo-nos em Posen, numa casa com dois hectares de terreno, a pouca distância da fronteira russa.

No inicio das hostilidades o exército russo, penetrando nessa zona, infestou as florestas circunvizinhas, transformando a região num autêntico campo armado. Como era de esperar, as nossas casas foram invadidas pela soldadesca. Pouco tempo depois uma grande ofensiva alemã provocou a retirada dessas tropas, e a frente da batalha transferiu-se para território russo. Entretanto, nada sabíamos de meu pai. Quando por fim tivemos notícias, encontrava-se na Hungria. Foi por essa altura que comecei a conhecer a Cristo através da parábola do Bom Samaritano, como referi no inicio desta narrativa.

A contra-ofensiva alemã libertou a Galicia atirando com os russos para a Ucrânia. Meu pai, que era oficial, tinha a seu cargo os prisioneiros russos que amanhavam uma grande propriedade perto de Lemberg. Ai, teve a oportunidade de praticar o Cristianismo, vivendo a sua fé e o amor ao próximo. Tratou com bondade e amor todos esses pobres mujiques das estepes russas, enquanto os outros oficiais seus companheiros, actuavam com rigor e dureza. Com a derrota dos exércitos alemães no Leste, no Outono de 1918, os prisioneiros revoltaram-se ma-

tando os oficiais que os escravizavam. A meu pai pagaram-lhe com verdadeira gratidão a bondade com que os tratara. Conduziram-no a um lugar seguro e deram-lhe um cavalo para que fugisse. Assim, pôde chegar sôlo e salvo a Carcóvia.

Em 1918, perto do Natal, meu pai entrou em casa. Que alegria para todos nós! Esta, porém, só durou alguns dias. Em Janeiro de 1919, forças Polacas amotinadas começaram a ocupar a província de Posen, onde vivíamos, e que, pelo Armistício, fora cedida à Polónia. A cidade transformou-se, mais uma vez, num campo de batalha. Os oficiais do exército alemão, que calaram prisioneiros, eram abatidos sem misericórdia. Todas as esperanças pareciam perdidas. Bandos de criminosos pilhavam as casas levando todos os alimentos. Era o caos. Em princípios de 1921, metidos em vagões para gado, fomos transportados até à nova fronteira alemã, seguindo depois para um campo de refugiados na parte ocidental de Berlim. No dia da nossa chegada os «espartacos» (alcunha que davam aos comunistas) combatiam nas ruas da cidade contra as forças republicanas. Reinava a anarquia e a desordem mas, finalmente, podíamos contar com alguma segurança.

### Apanhado no Laço

Gratos ao Senhor por nos encontrarmos novamente reunidos e em paz, meu pai e eu resolvemos dedicar as nossas vidas ao serviço de Deus. Certo dia bateu à nossa porta um Estudante da Bíblia que nos deixou alguns livros. Depois de os termos associamo-nos a esses «estudantes», passando a frequentar os cultos da «Eclésias»—como chamavam a assembleia dos Estudantes da Bíblia em Berlim. No seu meio encontrámos um elevado grau de amor fraternal e uma grande alegria, que também compartilhávamos.

Os actuais «Salões do Reino» das «Testemunhas de Jehová» nada têm de comum com essas «Eclésias» de Estudantes da Bíblia. Gozando dum inteira e completa independência, cada

uma delas elegia os seus próprios Anciãos, escolhendo-os entre os membros de maior nível e maturidade espiritual, e em completo acordo com as instruções de Paulo a Tito e a Timóteo. Os seus membros, cristãos consagrados e profundamente individualistas tinham o desejo sincero de tornar «cada vez mais firmes a sua vocação e eleição» e de serem transformados à semelhança de Cristo quanto ao pensamento, vida, comportamento e obras diárias.

Aos Domingos reuniamo-nos para ouvir um sermão e às quartas-feiras para orar. Estas reuniões eram instrutivas, não autoritárias como as que hoje se realizam nos «Salões do Reino» das «Testemunhas de Jehová». Os que frequentavam estas reuniões não se importavam sómente com o bem estar espiritual dos companheiros, mas organizavam também visitas aos enfermos e necessitados. A «Eclésia» dava os fundos para se prestarem auxílios quando necessários. Estas reuniões e actividades preenchiam um vazio na nossa vida. Hoje, efectuam-se visitas disciplinares aos que não comparecem às reuniões durante um mês ou mais. As visitas, nesse tempo, eram de outra índole, inteiramente dedicadas a obras de caridade e para benefício espiritual dos que visitávamos. Posso afirmar que eram visitas verdadeiramente cristãs e com aquele sentido de caridade que a Bíblia ensina.

#### Aumenta a Minha Actividade

Os Estudantes da Bíblia dedicavam a maior parte do seu tempo livre a expor às pessoas com quem falavam, e num trabalho absolutamente individual, a sua fé, os propósitos de Deus e a salvação que só existe em Jesus Cristo. De 1921 a 1924 voltei a frequentar um estabelecimento de ensino para completar a minha educação académica que fora obrigado a interromper. No entanto, das 15 às 17 horas fazia visitas de casa em casa falando de Deus e da Sua santa Palavra que explicava àqueles que o desejavam.

Embora muito novo, consegui bons resultados. Numa dessas visitas encontrei uma senhora que me disse estar possuída por demônios. (Nesse tempo na Alemanha havia muitos casos semelhantes). Essa pobre senhora contou-me os seus males e as torturas a que estava sujeita. Encontrando-me sentado e a olhar para a sua profunda palidez, olhos encovados e cabelo completamente arrepiado, assustei-me e não fui capaz de me levantar. Ao verificar que ela esperava que eu dissesse ou fizesse alguma coisa e não conseguindo levantar-me da cadeira onde estava, cai de joelhos. Ela fez o mesmo. Durante meia hora orei insistente e com toda a fé da minha alma. Expus ao Senhor todo o problema rogando-Lhe que a libertasse daquele mal. Quando nos levantámos ela pediu-me que voltasse. Depois de várias visitas tornou-se numa Estudante da Bíblia, nunca faltando às nossas reuniões. Nessa experiência pude verificar o grande poder do Senhor e a maneira como Ele ajuda os que invocam o Seu nome.

Todos esses trabalhos, assim como a pregação, eram efectuados por iniciativa própria e não por coacção exterior, como acontece no actual sistema teocrático das Testemunhas de Jehová. Paulo, na carta aos Romanos 10:10, diz: «Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação». Esta verdade era um facto positivo e real na vida daqueles cristãos de Berlim.

Nem todos pensavam ou procediam da mesma maneira. Tal atitude, porém, não provocava qualquer imposição porque só pregava ou ia de casa em casa aquele que o quisesse fazer. Por isso mesmo não eram irradiados das congregações procurando-se, pelo contrário, mostrar-lhes a bem e com amor quais os propósitos de Deus sobre essa matéria.

Baptizei-me em Novembro de 1921 cumprindo, assim, com muita alegria e regozijo, o que as Escrituras ordenam. Senti que o meu coração se enchia de luz e que a felicidade se alcança sempre que obedecemos aos propósitos do Senhor.

## CAPÍTULO 2

### INTRIGAS ANTECIPADAS

#### **Enfrentando dificuldades**

Enquanto despreocupados assistíamos ao desenrolar destes acontecimentos, nuvens negras, anunciadoras duma próxima tempestade, acastelavam-se no nosso horizonte espiritual! Por detrás das cenas tranquilas que descrevi no capítulo anterior encobria-se, lá longe, em Brooklyn, E. U. A., a nova orientação da Sociedade da Torre de Vigia. Os Chefes agitavam-se febrilmente para reorganizar a obra. Procuravam readquirir a posição anterior junto dos irmãos e das «cléricias», tal como acontecera sob a chefia de Charles T. Russell. O novo Presidente, o ambicioso Juiz Rutherford, era um conhecedor astuto da natureza humana. O seu ódio, por ter sido preso sob a acusação de anti-americanismo, não conhecia limites. Queria vingar-se do clero, a quem culpava dessa decisão. Valendo-se da situação incerta que existia em todo o mundo, concebeu uma nova Torre de Vigia completamente distinta da que Russell conjecturara.

Os dirigentes da Sociedade sabiam da existência de milhões de cristãos professos que não conheciam devidamente, e em

pormenor, as «doutrinas dadas aos santos». Estes, sem dúvida, cairiam facilmente na rede, abandonando as suas crenças para engrossar as fileiras duma Torre de Vigia reorganizada e com novas energias. A Sociedade calculou, e com razão, que a falta de conhecimento apropriado de Deus e a aceitação genérica pelo Cristianismo de meias verdades contribuiriam para que grandes multidões, tanto homens como mulheres, fossem facilmente atraídas para a Torre, caso se atacasse sábia e inteligentemente toda a estrutura em que assentava a Cristandade.

Conceberam, portanto, um plano de ataque sistemático e persistente ao Cristianismo organizado. Afirmavam que a religião organizada era a causa de todos os males. Mais tarde, ao alcançarem os seus fins e quando a Sociedade da Torre de Vigia edificou a sua própria Organização, o Comité editorial afirmou, com todo o descaramento, que a religião organizada era, afinal, a maneira adequada de adorar a Deus!

### Lavagem de Cérebro

A nova investida fez-se por meio dum folheto intitulado «A Queda de Babilónia, a Grande» (1919). Esta Babilónia, a que se refere o Livro do Apocalipse, não era mais do que a Religião Organizada. Esta foi, talvez neste século, a primeira tentativa de lavagem de cérebro. Nesta fase a lavagem consistia na destruição de velhas concepções e das ideias que lhes estavam ligadas. Tal tarefa, nessa altura como hoje, foi muito fácil. A maioria dos adeptos do Cristianismo, por mal informados, deixavam-se e deixam-se enganar. Apresentavam-lhes doutrinas que, por ignorância, não podiam nem sabiam contradizer e, por isso, convenciam-se de que tinham estado errados encontrando, por fim, «a verdade».

Atacar e destruir o Cristianismo, comparando-o com Babilónia, a Grande, não chegava. Quando se destrói qualquer coisa, impõe-se substitui-la por outra. Era necessário edificar. Este é o verdadeiro segredo da lavagem de cérebro eficaz. Nos cir-

culos cristãos sempre foi e há-de ser aceite por todos, como doutrina, o facto de que Cristo conquistou a vida eterna para os crentes. Assim, os filhos de Deus já não se encontram sob a sentença de morte lavrada contra Adão, por causa do pecado. Por isso se diz que os crentes «dormem» em Cristo e despertam com Ele na Glória. Jesus disse: «E a vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste» (João 17:3). E em João 8:51, lemos: «Se alguém guardar a minha palavra nunca verá a morte». O ensinamento de que «aquele que crê em mim (Jesus) nunca morrerá» (João 11:28) é tão antigo como o Cristianismo. E foi este princípio que os dirigentes da Torre de Vigia se atreveram a alterar inventando uma nova interpretação para a verdade bíblica. Com astúcia maquiavélica tiraram este texto do corpo da doutrina cristã e deram-lhe um engaste absolutamente novo, incrustando esta pérola de pureza imaculada numa cercadura artificial de palavras humanas falsas. Feito isto apresentaram-na como uma nova doutrina da Torre de Vigia. A sua divulgação foi feita através dum livro cujo título é: «Milhões dos que agora vivem, nunca morrerão» (1920).

O mundo sofria. A morte ceifara milhões de seres humanos, tanto nos hospitais como nos campos de batalha. A peste dizimara parte daqueles que a metralha poupara e que a fome enfraquecera. O título do livro não podia, pois, deixar de atrair a atenção de milhões de almas ansiosas. E a solução que se apresentava era simples. Tudo se resumia em deixar o chamado «Cristianismo» e abraçar a Organização da Torre de Vigia. Aconselho-vos a leitura desse livro. Nele podereis ver como a Palavra de Deus foi alterada com o único propósito de enganar e seduzir os incertos. Cristo disse: «Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; E todo aquele que crê em mim, nunca morrerá» (João 11:25, 26a). Adulterando este texto ensinaram e ensinam que «aquele que crê na Torre de Vigia com a sua Organização, frequente sómente as suas reuniões, venda os seus livros e dê conta da maneira como emprega o seu tempo, nunca morrerá».

Agora são eles que passaram a oferecer uma Organização, embora a tenham atacado quando escreveram «A Queda de Babilónia, a Grande». Contradizem-se, mas sentem-se seguros, pois confiam que milhões de pessoas nunca descobrirão esse engano.

Prosseguindo no seu plano, ao chegar o ano de 1938 destruiram a personalidade dos indivíduos e impuseram-lhes o ensino do reino teocrático como a base dum trabalho e acção em massa. Na Alemanha não tivemos subtileza suficiente para suspeitar que esses livros e panfletos continham interpretações falsas da Bíblia e decidimo-nos a pô-los em circulação. Eu fui um dos que colaboraram nessa difusão. Assim, contribui para a venda de centenas de milhares de livros e panfletos.

#### «Farão de vós Negócio com Palavras Fingidas»

Não se pode ler a história e literatura da Torre de Vigia sem se pensar na advertência de São Pedro: «E por avareza farão de vós negócio com palavras fingidas (II Pedro 2:3). E o certo é que usam com frequência textos bíblicos isolando-os dos respectivos contextos e alterando-lhes o significado e interpretação para alcançar os seus objectivos. Desde o inicio que se servem deste ardil para promover a venda dos seus livros e ganhar os fundos necessários à Organização. Estas publicações, que são feitas aos milhões, contêm sempre uma partícula de verdade, de preferência no princípio do livro ou panfleto, para atrair e seduzir o leitor. O resto torna-se simples. No fundo, encontram-se cheios de doutrinas erradas, expostas numa gíria peculiar e confusa, que atrapalha o leitor e lhe faz perder a cabeça, só mais tarde descobrindo que, sem dar por isso, renunciou à sua personalidade e iniciativa.

Toda esta engrenagem é montada para que a vítima se transforme num autómato ou escravo da Torre de Vigia, a que hoje dão o nome de «Testemunhas de Jehová». E, assim, cada uma delas foi comprada com palavras fingidas. Passa então a ler, sómente, os livros que a Organização fornece e torna-se

num «Anunciador do Reino» indo, por sua vez e por toda a parte, vender esses mesmos livros para beneficio da Organização. Cumpre estrictamente o que lhe é imposto pela Torre de Vigia e trabalha afincada e submissamente para atingir a quota de venda que lhe foi imposta. Por vezes é forçada a actuar contra a sua própria vontade!

Poder-se-á pensar num melhor exemplo de homens feitos «negócio com palavras fingidas»?

Depois do armistício de 1918 só havia incerteza e confusão. Impunha-se, portanto, escolher um texto das Escrituras que servisse aos objectivos da Torre de Vigia. Qual seria o melhor? A escolha recaiu sobre o capítulo 24 de Mateus. Segundo afirmam, este texto referia-se especificamente, e sem qualquer dúvida, à situação reinante.

A Torre, ao fazer uma tal afirmação, omitira intencionalmente que noutras épocas e por várias vezes já tinha havido guerras e rumores de guerras, podendo até considerar-se algumas delas como «Mundiais». A invasão muçulmana, detida às portas da França, depois de dominada a África e a Ásia, teve consequências mais graves para a civilização do que a primeira Grande Guerra mundial. O mesmo se podia dizer da invasão dos Hunos, e de muitas outras guerras! Assim, os rumores de guerras e o levantamento de nações contra nações, que se deu em 1914, não foi um acontecimento ímpar da nossa era. Outros já tinham ocorrido.

Porque foi usada, então, esta passagem? Simplesmente porque se enquadrava na situação e servia os propósitos da Sociedade. Ao deturpar o significado desse texto das Escrituras a Sociedade da Torre de Vigia criava um clima psicológico propício dando, aparentemente, um significado profundo à campanha de publicidade que iniciara. O versículo 14 desse capítulo «E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo... e então virá o fim», servia de cúpula ao edifício projectado. Justificava-se, assim, a campanha de venda de livros, coloriam-se as falsas interpretações proféticas e engrossavam-se as fileiras com novos prosélitos.

**«Anúncios, Anúncios e mais Anúncios do Rei e do Seu Reino»**

Para que a Organização abrangesse todo o mundo, os chefes elaboraram um projecto de propaganda (nos moldes empregados pelas grandes empresas americanas) em prol do Reino. Com esse objectivo em mente aumentaram a tiragem dos livros e panfletos, traduzindo-os para o maior número possível de idiomas. Surgiu, porém, um contratempo. Como o espírito que norteava a Sociedade da Torre de Vigia era nitidamente anti-americano, o Presidente da República ordenou a prisão de todos os dirigentes e considerou a Sociedade como subversiva. Este acontecimento não podia ser usado pela propaganda, a não ser fora da América e, especialmente, junto dos alemães. Para estes, os dirigentes americanos e a sua Organização eram as vítimas, os amigos que sofriam a prisão pelo espírito de simpatia e compreensão que nutriam para com eles. A este incidente se deve o grande êxito da visita do juiz Rutherford à Alemanha, onde foi ouvido por grandes multidões, tanto em Berlim como em todas as grandes cidades. Tudo isto, porém, não servia para angariar fundos e, muito menos, para reconquistar a América! Que fazer, então? Há muito que a Sociedade aprendera a usar palavras falsas com a finalidade de «fazer negócio» da Palavra de Deus e dos que fossem arregimentados para difundir os seus escritos.

Nesse espírito decidiu ligar a campanha de propaganda à esperança dourada e já antiga do Cristianismo, isto é, o Reino de Deus. Para maior ênfase juntou-lhe a ordem que Jesus deu aos Seus discípulos: «Ide, ensinal todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos» (Mateus 28:19, 20). Esta ordem de Cristo é cumprida por todos os verdadeiros cristãos desde o Pentecostes e, para tal, não foi necessário que o Russelismo a tomasse à sua conta. A estratégia da Torre é fazer adeptos à custa de palavras falsas, utilizando-os, depois, como vendedores dos livros e revis-

tas editados pela Sociedade. Dessa venda aufera ela enormes lucros que são empregados no desenvolvimento do poderio dessa empresa colossal que vive de tais transacções. Aos que não aceitam as suas doutrinas dão-lhes o nome de «egípcios» para terem direito de espoliá-los. Justificam essa atitude baseados no livro do Exodo, comparando-a com a dos judeus quando saíram do Egipto. Mas esta maneira de proceder, sejam quais forem as razões apontadas, não deixa de ser imoral, tanto mais que o seu único objectivo é encher os cofres da Sociedade, mesmo à custa de adaptações e interpretações erróneas da Palavra de Deus.

## CAPÍTULO 3

### ESCRAVIZADO À TORRE DE VIGIA

#### O Naufrágio da Personalidade

A partir de 1925 os «Estudantes da Bíblia» tiveram que enfrentar o dilema resultante da nova política imposta pela Torre de Vigia. Continuaria cada um a desenvolver a sua personalidade cristã disposta do seu tempo como uma nova criatura, ou submeter-se-a totalmente à Organização da Torre de Vigia, dedicando-se de corpo e alma à venda dos seus livros e à angariação de fundos para a Sociedade? À medida que o tempo passava, os que vendiam tais livros, dedicavam maior número de horas a esse trabalho e apresentavam lucros mais substanciais gozavam de um certo favoritismo. Em contrapartida, os que procuravam dar «frutos do Espírito» eram considerados como servos inúteis e, portanto, postos de parte.

#### Transformado em Escravo

Por essa altura a Sociedade sofreu uma remodelação notável. Ampliaram-se os escritórios e oficinas. Surgiu, também,

um método mais eficaz de publicidade. Acorriam, de todos os lados, os pedidos de livros e panfletos. Na Alemanha tivemos que transferir as instalações de Barmen, no Ocidente, para Magdeburgo, no centro do país. Ai, comprámos vastas propriedades com os dólares provenientes da América e obtidos na venda de livros. Em Agosto de 1924 dei entrada em Betel, quartel general do movimento alemão, não percebendo, nesse momento, que me transformara num autêntico escravo. E essa escravidão foi de tal ordem que não pude libertar-me senão passados 30 anos de terrível sujeição.

Como a maioria dos «Estudantes», eu acreditava sempre que era de importância capital «fazer cada vez mais firme a minha vocação e eleição». E, por isso, não ligava importância aos manejos da Sociedade da Torre de Vigia em Brooklyn nem aos de Magdeburgo.

A maior parte dos «Estudantes», como eu, estava absolutamente convencida de que a Sociedade continuava actuando segundo a sua antiga humildade e altruismo, sacrificando-se como «uma besta de carga» pelos irmãos, razão por que punha à nossa disposição Bíblias e revistas. Não viamos qualquer motivo que inibisse a Organização de fazer tais sacrifícios, até porque tinham-nos dito e redito que ela era a **nossa besta de carga**. Assim, nada nos levava a suspeitar que a Torre esqueceria o seu verdadeiro papel transformando-se, repentinamente, numa besta dominadora de todos os que eram cientes individualistas e passando a ditar o que devia ou não ser feito. Calmos no laço e só muito tarde descobrimos que em vez de seres livres tínhamos sido reduzidos à simples condição de escravos.

### Contrastes

Ao entrar para a Sociedade da Torre de Vigia, em Magdeburgo, senti uma mudança desanimadora. Em Berlim tivera a liberdade de pertencer a uma das maiores «ecclésias» do mundo. Havia paz, amor e alegria entre todos os seus membros. Éramos

crentes sinceros, renascidos do Espírito Santo e, por intermédio de Cristo, disfutiávamos do acesso directo ao Trono de Deus. Este clima espiritual desapareceu logo que me vi no seio da Sociedade da Torre de Vigia. As estatísticas e quotas de venda substituiam o convívio fraternal. Discutia-se a produção e calculava-se o seu custo. Em vez de procurarmos a orientação do Espírito Santo, obedecímos às ordens da Sociedade. A liberdade individual fora substituída por uma lealdade cega à Torre e suas directrizes. Em Berlim dávamo ocasião a que «o mesmo Espírito testificasse com o nosso espírito que somos filhos de Deus», mas, agora, tínhamos que atender à orientação emanada dos escritórios da Sociedade de Russell, para quem éramos, ou não, bons «Anunciadores do Reino», na medida em que satisfizéssemos as quotas pré-estabelecidas.

O «novo nascimento» deixara de ter qualquer significado, sendo substituído por uma nomenclatura que hoje ainda existe nos «Salões do Reino», isto é, a classe de Mardoqueu—Noémi, a de Rute-Ester e a de Jonadabes ou «pessoas de boa vontade». Como adiante se há-de ver ensina-se às Testemunhas de Jehová, pertencentes à classe de Jonadabes, que não podem nascer do Espírito, mas que receberão a existência espiritual através da sua associação com a Torre de Vigia.

### A Minha Actuação em Magdeburgo

Apesar de só ter dezanove anos de idade, adaptei-me rapidamente ao ambiente de trabalho de Magdeburgo. O novo aspecto da obra e a sua organização atraíam a minha juventude. Criado num ambiente germânico e educado desde a infância a respeitar as ordens e os conselhos dos mais velhos e superiores, eu era um jovem obediente. Herdara, também, o amor que os alemães dedicam à ordem e à organização. Tudo isto contribuiu para que me dedicasse, de corpo e alma, ao meu novo trabalho, a revista «das Goldene Zeitalter» (A Era Dourada). Em pouco tempo consegui que a circulação subisse para

325 000 exemplares por número. Sentia-me no meu elemento e, por isso, dediquei-me com afinco ao trabalho, o que me levou a esquecer «o meu primeiro amor». Deixei de ter tempo para ler a Bíblia, orar, meditar ou cuidar da vida interior. Dedicava cada vez menos tempo a «andar no Espírito». Todos os minutos disponíveis eram empregados nos trabalhos da Torre de Vigia. A minha primitiva consagração ao Senhor não era mais que uma reliquia perdida num passado mais ou menos distante.

### Previsão do Fim do Mundo

A Sociedade da Torre de Vigia dá brado pelas suas excentricidades. Uma delas é a tendência para prever, com grande sensação, as datas do fim do mundo. Primeiro marcaram-no para o ano de 1914. Essa previsão falhou e muitos «Estudantes da Bíblia» ficaram desanimados. Mais tarde adiaram-no para o ano de 1925. Esta nova previsão foi anunciada através dos opúsculos «A Queda de Babílónia, a Grande» e «Milhões dos que Agora Vivem nunca Morrerão». Com uma propaganda viva e persuasiva a Sociedade, assegurando-nos que nesse ano veríamos aparecer os heróis do Velho Testamento, nunca deixou que em nós arrefecesse o entusiasmo e a perspectiva. No Outono de 1924 meu pai quis comprar-me um fato novo. Pedi-lhe que o não fizesse pois faltavam poucos meses para começar o ano de 1925 e, com ele, dar-se-ia o advento do Reino. Esta atitude, hoje, parece-me ridícula, mas por ela vê-se bem a confiança que eu tinha na Organização e na doutrina que ela difundia. A insistência da propaganda sobre este ponto tinha sido enorme, obcecante. E, de tal maneira, que a grande maioria estava absolutamente convencida de que o triunfo do Reino e a destruição do mundo ímpio estavam iminentes. Os chefes, no entanto, não acreditavam no que diziam, mostrando-o pelos seus actos. Alguns dos «Estudantes» mais experientes começaram a reparar nessa contradição. A Sociedade aumentava o seu património comprando propriedades, fazendo novas constru-

ções e ampliando as suas empresas. Assim, a previsão de que o mundo acabaria em breve e a aquisição de bens imobiliários estava em nítida contradição.

### **Uma nova Nação—Idealizada pela Torre**

O advento de 1925 serviu para mostrar que o plano elaborado pelos dirigentes tinha como objectivo encoberto o aumento da influência da Organização no campo mundial. O órgão oficial da Sociedade, «A Torre de Vigia», publicou um artigo intitulado «Nascimento de uma Nação». Nele os autores procuravam deturpar o conceito bíblico de que os crentes em Cristo Jesus formam uma nação de reis e sacerdotes para Deus (I Pedro 2:9). Esta verdade gloriosa, e que é a essência da personalidade cristã, foi alterada proclamando-se que a Sociedade era essa Nação.

Enquanto Pedro mostrava, concludentemente, que cada crente como indivíduo seria uma parte dessa Nação sob a direcção de Deus e Cristo, a Torre de Vigia alterou esse conceito e interpretou-o como referindo-se a uma classe! No caso presente era a «Classe dos Servos Sábios e Fiéis», isto é, os dirigentes da Sociedade, a quem todos os bens tinham sido entregues.

Assim, esta nova nação, nascida em 1925 pelo fulgor da revista «A Torre de Vigia», teria a composição seguinte: uma classe de Servos Sábios e Fiéis, a dominante, e a dos Jonadabes, sem espiritualidade, que não teria parte nesse Reino ou Nação, mas que se encontraria absolutamente sujeita às suas ordens. Todos estes súbditos seriam reduzidos à escravidão desse Reino que duraria mil anos. Haveria, portanto, uma classe de pessoas superiores e outra de meros escravos. Escravos da teocracia dourada que governaria despóticamente uma massa teocrática, ou Jonadabes.

Este plano devidamente amadurecido desenvolveu-se a partir de 1925 e em 1938 encontrava-se reconhecido e adaptado

tal como os dirigentes do Russelismo o tinham idealizado. Desta maneira a Teocracia transformou-nos em escravos do Reino da Torre de Vigia.

Acorrentado de corpo e alma às Testemunhas de Jeová e em completa sujeição, eu era um desses escravos.

## CAPÍTULO 4

### BREVE ANÁLISE À ORGANIZAÇÃO AMERICANA

Para que o leitor possa compreender aquilo em que eu cal, farei um resumo do que se estava passando com o movimento dos «Estudantes da Bíblia» na América e em outras partes do Mundo.

#### O Juiz Apodera-se da Presidência

Com a morte de Carlos T. Russell (1916) deu-se uma luta imediata pela posse do seu ceptro. No seu testamento Russell indicava quem o devia substituir, mas o consultor jurídico, o astuto e oportunista Juiz Rutherford, conseguiu sair vencedor à custa de maquinações e ser eleito Presidente da Sociedade da Torre de Vigia. Logo que tomou posse entrou em oposição com o Governo Americano sobre a guerra mundial. Em consequência dos violentos editoriais da revista «A Torre de Vigia», a Sociedade foi dissolvida e o Juiz, com os outros Directores, foi preso, julgado e condenado, entrando na Penitenciária Federal de Atlanta.

Terminada a Guerra, o Juiz obteve a revisão do processo,

obtendo a liberdade, e a isenção de qualquer culpa. Assim, o advogado Rutherford, servindo-se com inteligência duma situação meramente fortuita, pôde não só ocultar os manejos obscuros que o levaram à presidência da Sociedade como alcançou uma cómoda posição de mártir. Estes factos concorreram, também, para que o considerassem um verdadeiro filho de Deus que se sacrificara para conduzir a «Nova Nação» a empreendimentos maiores. Essa auréola não o abandonou até ao dia da sua morte (1942).

Quiseram enterrá-lo no parque que circundava Beth-Sarim (A Casa dos Príncipes) na esperança de transformar esse lugar num Santuário onde as gerações futuras acorressem em peregrinação. A iniciativa não resultou porque a Câmara Municipal da cidade de San Diego não permitiu que se estabelecesse um cemitério naquela zona.

Essa vivenda fora mandada construir pelo Juiz Rutherford sob o pretexto de se destinar aos príncipes judeus que, em breve e segundo o seu ensinamento, voltariam à terra. Abraão e David estavam incluídos nesse número e, daí, o nome que ele lhe pôs.

Valendo-se das circunstâncias que o favoreceram, decidiu elevar a Torre de Vigia acima das demais Organizações religiosas. Serviu-lhe de ilustração a finalidade com que os povos da antiguidade construiram a Torre de Babel. Esta destinava-se a proteger os homens contra a possibilidade dum novo dilúvio. A Torre de Brooklyn seria, por sua vez, o refúgio seguro que transportaria milhões de pessoas através do abismo para o Milénio, onde se reergueria como a «Sociedade do Novo Mundo».

### O Juiz Propõe Alterações

Para edificar a Sociedade do Novo Mundo era necessário introduzir algumas alterações nos objectivos que a Organização se propunha. Com esse fim em vista, o Juiz resolveu dar

especial ênfase à nova doutrina do Reino, para o que preparou uma Convenção em 1922 numa cidade do Estado de Ohio. Nessa Convenção os delegados foram induzidos a apoiar e aceitar uma proposta do Juiz intitulada «Anúncios, Anúncios e mais Anúncios do Rei e do Seu Reino».

Rutherford sabia muito bem que uma simples legenda não chegaria para impor o seu plano. Até então os Estudantes da Bíblia caracterizavam-se por gozarem duma independência pessoal absoluta. Foi esta característica que levou cada um deles a abandonar as várias Sociedades e Denominações a que pertenciam, pois, segundo declaravam bem alto e com orgulho, desejavam ser completamente livres tanto no estudo e interpretação da Bíblia como na sua vida cristã. Para eles as organizações a que tinham pertencido eram demasiado rígidas e sufocantes, o que impedia e até prejudicava uma vida cristã activa. Nessa época, de facto, os Estudantes da Bíblia podiam ser considerados como os individualistas mais intransigentes de todos os tempos. Para conseguir que indivíduos com uma personalidade tão vincada aceitassem a ideia duma super-organização, impunha-se não só uma mudança de directrizes, como também uma perspicácia invulgar. E esta não faltava ao Juiz! Iniciou a campanha declarando-se inimigo da Cristandade e de toda a disciplina ou Organização e afirmando na sua revista que esses males tinham sido o tropeço e as razões da queda do Cristianismo. A sua argumentação foi exposta com vigor no folheto **A Queda de Babilónia, a Grande**. Estas afirmações tiveram uma aceitação imediata por parte dos seus seguidores, pois coincidiam com as suas próprias maneiras de ver. O Juiz tornou-se, assim, num verdadeiro caudilho. E enquanto os embalava ao som desta doce e agradável sinfonia, que tanto apreciavam, procurava preparar os alicerces duma organização grandiosa e muito mais rígida que a da Igreja Católica Romana que atacava com a maior violência. Acabou até por declarar serem diabólicas todas as organizações à excepção da sua, que considerava «a Organização de Deus»!

### Arrumando a Casa

Com a nova camarilha fixada em Brooklyn a orientar a Sociedade da Torre de Vigia e para poder dar forma aos planos preconcebidos, era necessário, antes de tudo arrumar a própria casa. Impunha-se, portanto, pôr de parte esses recalcitrantes que não se deixavam manejar ao gosto alheio, e cerrar fileiras, mesmo que para isso houvesse a necessidade de dizimar os que estivessem agregados ao movimento dos «Estudantes da Bíblia». Segundo este parecer liquidaram-se os elementos que estorvavam a realização dos planos. A maior oposição foi levantada pelas congregações independentes de «Estudantes da Bíblia» visto não utilizarem as publicações da Torre de Vigia e limitarem os seus estudos à Palavra de Deus. Destruir aquela força e a resistência levantada por indivíduos apegados às suas próprias opiniões e que não obedeciam às ideias «modernistas» do Juiz, tornou-se um problema muito sério.

Os Chefes iniciaram, então, a publicação de novos livros, folhetos e revistas com que insuflavam as suas ideias, procurando mudar, pouco a pouco, a maneira de ser dos dissidentes. A Sociedade adquiriu uma tipografia, ficando assim apetrechada para publicar os seus escritos em melhores condições, tanto materiais como técnicas. O primeiro livro desta série foi «A Harpa de Deus» (1922), seguindo-se milhares de outras publicações, a preço acessível, com que inundavam o mundo inteiro.

A oposição não terminou e, até em certos casos, aumentou. Este facto trouxe consequências graves por cerca de três quartas partes dos associados não aceitarem essa submissão servil. Isto, porém, era o desejo da Sociedade. Com os restantes, isto é, os seus «fiéis», obtiveram o quorum para actuar sem o mais leve estorvo. O individualismo foi posto de parte definitivamente, fixando-se mensalmente a cada «anunciador» um tempo mínimo para um trabalho previamente designado. Como necessitavam de fundos para custear a publicidade em todo o mundo, conseguiram estabelecer uma nova maneira de «ado-

ração» baseada no quantitativo de quotas e volumes de venda alcançados por cada um, fazendo assim «negócio dos homens», tal como se dera com os judeus na época do Senhor Jesus (João 2:16). Recrutavam os ajudantes entre quem preferisse não pensar e nunca entre os defensores do individualismo. Estes recrutas, em número suficiente, eram usados com maior proveito porque os elementos rebeldes, como já dissemos, haviam sido «expurgados». Os novos prosélitos já não se interessavam em «fazer cada vez mais firme a sua vocação e eleição», mas esforçavam-se, únicamente, em converter o mundo ao serviço do Reino, para o que bastava cada um cumprir fielmente as quotas e obedecer à orientação dos chefes do movimento. Era a ideia judaica da Teocracia dependente das obras: o Templo, o ritual e até o número de passos que podiam andar em cada Sábado.

## CAPÍTULO 5

### UM SALTO NO TEMPO

Para uma melhor compreensão das minhas experiências vividas na Alemanha e, mais tarde na América, torna-se necessário referir factos posteriores.

#### **Classes e mais Classes**

A Sociedade da Torre de Vigia estava decidida a eliminar, definitivamente, os últimos vestígios de qualquer pensamento e actividade individuais. E conseguiu-o, sem dúvida. Por alturas de 1927 já a Sociedade pusera em circulação milhões de livros. Desta circulação espantosa surgiu um acréscimo de adeptos escalonados por várias classes que substituíram o antigo individualismo. Havia pois que promulgar oficialmente essas classes dentro da Organização. Foram criadas várias nos anos subsequentes. Primeiro foi a de Mardoqueu-Noémi, seguida pela de Rute-Ester (1922/29) e, por último, a classe de Jonadabe ou «pessoas de boa vontade» (1931). Depois a Sociedade ergueu-se como uma classe suprema e acima destas que actuavam num vasto campo de acção. Esta medida deu origem

à classe dos «Servos Sábios e Fiéis» a quem «todos os bens estavam confiados». E assim fizeram desaparecer a ideia errónea de ter sido Carlos T. Russell o único a merecer um tal título. Dessa sujeição nasceu uma obediência cega e rigorosa ao que se devia crer e adorar.

Os antigos «Estudantes da Bíblia» não se vergaram a estas imposições. Conheciam as doutrinas que a Bíblia ensina (II Timóteo 4:3). Nesta nova Organização só havia lugar para os crédulos que seguissem, implicitamente, as directrizes da Torre e as emanadas dos escritórios de Brooklyn, na América. Todas as classes que atrás referi encontravam-se consolidadas. À classe de Mardoqueu-Noémi foi dito e ensinado que era formada pelos últimos membros do Cristo organizado na terra. A doutrina da Torre de Vigia afirma que este «Cristo» é constituído pelo próprio Cristo e 144 000 membros. Os lugares então vagos seriam preenchidos por recrutas dumha classe mais jovem, a de Rute-Ester. Assim, e com toda a prudência e conveniência, a porta do céu não foi encerrada, pois seguindo as pisadas da primeira classe os da segunda podiam preencher essas vagas. Uma vez ocupados os lugares vagos considerava-se o Cristo completo e, sob «o manto de justiça», nasceria uma classe mais ampla mas também mais baixa que lhe ficaria sujeita e à qual serviam de toldo protector. Considerava-se esta última classe, que tomou o nome de Jonadabe, como a de «rachadores de lenha e tiradores de água para a congregação», tendo-se tomado como termo de comparação as relações entre os gibeonitas e Josué (Josué 9:10-27). Os membros desta classe não são tratados como irmãos em Cristo, pois não nasceram do Espírito. Para eles as portas estão encerradas! Os Jonadabes, pois, não são cristãos. Acima destas três classes e para os guiar e alimentar estava a classe dos «Servos Sábios e Fiéis». A partir desse momento fatal os membros das várias classes acreditam em todas as fábulas que inventam os membros do Comité editorial da Torre de Vigia para edificação dessas classes, embora esses mesmos dirigentes, por vezes, se contradigam.

Obedecem-lhes cegamente e aceitam tudo quanto lhes dizem porque têm comichão nos ouvidos (II Timóteo 4:3).

A doutrina propalada pela Torre de Vigia é o seu novo evangelho que aparece em todos os livros, folhetos e revistas. Milhares de convertidos passaram a substituir os «Estudantes da Bíblia» individualistas. Esta nova classe de recém-chegados aceitava com alegria e de coração aberto as doutrinas impostas pelo respectivo comité de ensino às suas pobres inteligências.

### Um «Dinheiro» para Cada Um

A Sociedade da Torre de Vigia, convertida agora no «Servo Sábio e Fiel», ensinava que as várias classes eram parte da «Nova Nação». Milhares e milhares de pessoas afluíram devido a esta nova orientação, mas a grande maioria sentia não estar apta para o reino dos céus. A Torre via-se obrigada a encorajar esta maneira de pensar, pois estabelecera que o «Cristo Organizado» tinha, somente, 144 000 membros. Impunha-se, portanto, corrigir este erro. A emenda surgiu com o ensino de que além do remanescente de Cristo na Terra, isto é, os últimos, também havia «a Grande Multidão» que não podia ou não necessitava nascer do Espírito e era formada pelos que viessem depois. Para que esta altração fosse aceite valeram-se da parábola «dos trabalhadores e as diversas horas de trabalho», que se encontra em Mateus 20:1-16.

A Sociedade, segundo os Chefes, era a Vinha de Deus. Os doze anos, de 1919 a 1931, as doze horas do dia de trabalho. Eles, como «Servos Sábios e Fiéis», (com Rutherford à cabeça) e a quem todos os bens tinham sido entregues, iam dar como recompensa, um «dinheiro» a cada um. E o que era este «dinheiro»? Na Convenção de Columbus, em 1931, no fim desse dia de trabalho, como dizia a Torre de Vigia, esta ia dar aos seus convertidos um nome novo, «As Testemunhas de Jehová.» E este nome era o «dinheiro» prometido!!

A recompensa, tanto para o Remanescente de Cristo como

para a Grande Multidão, era a mesma. Justificava-se este nivelamento pelo simbolismo da imagem de Daniel 2:31-34 em que o ferro e o barro se encontram misturados nos pés. Assim, estas «Testemunhas», uma multidão vasta e mista, formavam os «andarilhos» da Organização.

Quem protestasse contra este nivelamento seria comparado aos trabalhadores que reclamaram por ter trabalhado mais horas. Deste modo e inteligentemente, a questão ficou resolvida. Desde esse momento as publicações tomaram o nome de «a nova semente» eliminando, assim, a Palavra de Deus e substituindo-a pelos livros, folhetos e revistas da Sociedade que continham e ministriavam «a comida a seu tempo». Deixou-se em absoluto de proclamar o único nome pelo qual podemos ser salvos: JESUS. Os dirigentes da Sociedade, elevados a directores da Teocracia, eliminaram como inútil a doutrina pura da Palavra de Deus e colocaram-se a si próprios em seu lugar.

Como a super-organização, assim criada, obrigasse as «Testemunhas» a submeterem-se a todas as imposições da Teocracia, foram criadas os Exactores de Zonas para funcionarem como os «olhos e ouvidos» da Sociedade que impôs este sistema em 140 países. Organizou, também, a Escola Bíblica de Gileade para instrução de centenas de missionários, seus futuros emissários a todos os cantos da Terra. Como consequência destas medidas existem, hoje, em todo o mundo, as Testemunhas de Jehová, único nome por que são conhecidas tanto as classes superiores como as inferiores. Mas acima de todas está a Sociedade da Torre de Vigia, ou a classe dos Servos Sábios e Fiéis. Como os pagãos, que moldam as suas próprias imagens e as adoram, assim estas «Testemunhas», duma maneira abjecta, rendem culto aos pequenos deuses de Brooklyn elevados por eles à Teocracia. Ontem era o INDIVÍDUO. Hoje é a TEOCRACIA. Amanhã será A SOCIEDADE DO NOVO MUNDO!

## CAPÍTULO 6

### O JUIZ VISITA A ALEMANHA

#### O despertar da Obra em Magdeburgo

A Betel de Brooklyn instalara, em Magdeburgo o seu ramo germânico. Devido à recente mudança para essa localidade os nossos Escritórios estavam em completa desordem. Eu encontrava-me aquartelado nas águas furtadas do Palácio de Cristal, sede do trabalho na Alemanha. Para subir até lá tinha que servir-me dumha escada de mão e entrar pela janela, pois ainda não fora construída uma comunicação interior. Alguns companheiros, gracejando, diziam que descer essa escada, cada manhã, era como ir para o inferno. Nas caves do edifício havia uma tipografia equipada com a maquinaria essencial à impressão dos nossos livros. O meu primeiro trabalho foi pôr em ordem as diferentes partes impressas que formavam a **HARPA**. Juntava-as umas às outras até completar um livro, que depois seguia para a encadernação onde o cosiam, colavam e punham capas. Apesar das condições de trabalho serem um pouco primitivas, conseguíamos pôr em circulação grande número de livros de boa qualidade.

Na Primavera de 1925, quando se esperava o fim do mundo

e a aparição dos Príncipes, foi o Juiz Rutherford quem, afinal, apareceu trazendo consigo uma boa soma de dinheiro destinada a promover a nossa expansão.

X. Durante a sua visita deu-se um incidente na minha presença que passo a contar. O director da Organização na Alemanha deixara crescer uma grande barba no género da usada pelo «Pastor» Russell. Esse adorno capilar desagradou ao Juiz por não gostar que lhe recordassem o «pastor.» Uma noite, enquanto ceávamos, o director pediu ao Juiz uma máquina rotativa para melhoria: o rendimento da tipografia. Ele fez de conta que não ouvira e continuou a comer. De repente, e fixando com insistência a barba do director, disse: «Tê-la-á com a condição de cortar essas barbas.» O director ficou ofendido e chocado mas no dia seguinte, ao sentar-se à mesa, trazia a cara rapada. Como desculpa disse: «As minhas barbas prefiro a rotativa para engrandecimento do Reino.» (Mais tarde viu-se não ser sincera a sua maneira de sentir.) Assim, pela astúcia e usando de todos os meios, o Juiz aniquilou, primeiro na Betel de Brooklyn e depois na da Alemanha a ideia do fim do mundo, substituindo-a pela do REINO.

### A Convenção de Magdeburgo

A esta Convenção assistiram cerca de quinze mil pessoas, tornando-se difícil, se não impossível, instalar tanta gente numa cidade de província como Magdeburgo. Resolvemos esse problema construindo instalações sanitárias provisórias e armindo tendas de circo, onde instalámos todos os convencionistas, cabendo-me a responsabilidade directa de arranjar os transportes, para o que organizei treze comboios especiais que trouxeram os convencionistas de todos os pontos da Alemanha. O director, agora sem barbas, deu-me a entender que eu devia arranjar uma boa quantia em dinheiro para custear as despesas, para poder apresentar ao Juiz um relatório financeiro favorável. Com esse objectivo mandei fazer umas pequenas capas de

celulóide onde meti um cartão com o nome das respectivas congregações e destinadas a cada um dos convencionistas. Essas capas, saindo a dez centavos por unidade, foram vendidas a um escudo cada. Os lucros deram entrada nos cofres da Sociedade.

O Juiz, num rasgo de «pura benevolência» e exibicionismo e para evidenciar uma atitude paternal, ousou imitar o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes feito por Jesus. Para isso alimentou a multidão. A cada um dos presentes à última sessão da Convenção forneceu uma salsicha e um pouco de salada de batata! Este gesto teve a repercussão desejada. Durante anos, nas minhas viagens através da Alemanha, das muitas coisas ocorridas nessa Convenção memorável, a grande maioria dos assistentes só se lembrava da salsicha e da salada de batata fornecidas gratuitamente! Que esperto era o Juiz! Haviam-se perdido a personalidade individual, a liberdade congregacional e todo o direito de independência, mas nada disso tivera qualquer valor perante o *suculento banquete oferecido por Rutherford!*

Na véspera da abertura da Convenção e enquanto presidia a um jantar oferecido aos 150 membros da família de Betel isto é, aos dirigentes da obra, o Juiz fez um discurso. Com eloquência descreveu a sua prisão na penitenciária de Atlanta, referindo-se com o maior ênfase ao momento em que junto da janela gradeada e agarrando as barras clamou: «Se Tu, Senhor, me tirares daqui, prometo nunca mais deixar de atacar a Cristandade e de pregar, por toda a parte, o Evangelho do Reino.

Por último, disse não ser seu desejo antecipar egoisticamente a ida para o Céu quando havia ainda tanto a fazer na terra. A nossa tensão e expectativa cresceram, pois todos esperávamos o fim do mundo para breve. Mas ele, hábilmente, levou-nos ao cume de um monte mais alto que o monte da tentação. Daí mostrou-nos as multidões famintas e prontas a fazerem parte do nosso Reino, justificando por elas a necessidade de eliminar a esperança de presenciarmos, em breve, o fim do mundo.

Expondo os seus anseios quanto ao aumento de circulação de livros e mais literatura, comparou a nossa marcha à saída dos israelitas do Egipto, os dias de peregrinação no deserto, a chegada à Terra Prometida, a formação do Reino Judaico e a construção do Templo. O nosso Reino formar-se-ia da mesma maneira. A monarquia judaica, com a morte de Salomão, dividira-se em dois reinos. Nós não cometíramos o mesmo erro. Não era Russell, nem ele Juiz, mas sim um consórcio a exercer o comando supremo, ou seja, um governo colectivo. Os presentes só compreendiam o Juiz através dum intérprete alemão, conhecedor deficiente da língua inglesa. Eu, dominando perfeitamente esse idioma, não perdi uma palavra.

### Momentos de Dávida

Tudo que ouvi e presenciei pôs-me num estado de grande inquietação espiritual e levou-me a uma meditação profunda. Cheio de dúvidas, ficava acordado noites inteiras ponderando no que acontecera ao meu ideal cristão do «novo nascimento.» Lembrava-me dos dias de «Primavera Cristã», quando ainda sentia a importância da certeza do Senhor aprovar cada um dos meus actos diários. Agora, tudo indicava a minha preocupação exclusiva com o preenchimento das quotas previstas e demais tarefas. Ao tornar-me parte integrante duma organização de carácter mundial, teria eu ganho o mundo e perdido a minha alma?» (Mateus 16:26.) Se esse era o caso não tirava, na verdade, o mínimo proveito, tanto no campo espiritual como no material ou qualquer outro...

Apesar das conclusões a que chegara, tudo esqueci dedicando-me completamente ao meu trabalho, a impressão de novos livros. Por essa altura foram convocados carpinteiros, pedreiros, canalizadores e operários especializados para construirem novos edifícios e oficinas, uma nova Betel.

## CAPÍTULO 7

### JOEIRANDO

#### «Ou Crês ou Morres»

Nas minhas viagens a Berlim, para visitar os meus pais e amigos, pude apreciar os danos causados à congregação dessa cidade pelas novas directrizes da Sociedade. Esta obrigava os Anciãos a renunciarem aos seus lugares sob o pretexto de infidelidade, substituindo-os sempre por elementos juvenis. Fora nomeado um Director de Serviço com plenos poderes sobre os Anciãos ou Presbíteros. Esta posição devia-se à circunstância de ele executar exclusivamente as ordens da Sociedade, em vez de servir a congregação como era norma e hábito dos Anciãos. Em 1927 os Anciãos tinham sido demitidos um a um e os Directores de Serviço passaram a ser os administradores absolutos das várias congregações.

Nesta depuração os directores recebiam ordens de Magdeburgo que, por sua vez, as recebia de Brooklyn. Jovens, como eu, eram nomeados para servir como Directores de Serviço. A escolha recaia sempre sobre os mais impulsivos em ecánicamente leais à Sociedade. Efectuávamos os nossos deveres com rudeza e sem atendermos às cabeças encanecidas ou aos servi-

ços por elas prestados. Tinhamos recebido instruções para cortar a direito e forçar os Anciãos a sairem sem contemplação pela ética cristã ou pelo amor fraternal. A mudança nas congregações foi radical.

Para minha vergonha confesso que desempenhei as funções de Director numa congregação de 175 membros, todos eles Estudantes da Bíblia, sendo nomeado, sómente, para impor as leis da Sociedade. Não fui aceite, nem as minhas ordens cumpridas. Com 21 anos apenas, enfrentei com energia os meus opositores, todos eles anciãos respeitáveis, começando por chamar-lhes «servos maus» e rebeldes. Depois, e num apelo, pedi que me seguissem os simpatizantes da Torre de Vigia. Dos 175 membros da Congregação só 8 se declararam a meu favor.

Com esses organizei uma outra congregação, desempenhando eu as funções de Director de Serviço. A Sociedade deu-me plenos poderes e permitiu que, de Magdeburgo, situada a 100 quilómetros, trouxesse todos os Domingos três camiões carregados de «Anunciadores.» Assim, conseguimos igualar o seu número, havendo no entanto uma diferença bem flagrante. Enquanto eles viviam no Espírito, nós não passávamos de simples «anunciadores» e vendedores de livros da Torre de Vigia. Uma actuação idêntica liquidou por toda a parte todo o antigo sistema, nascendo assim um conceito novo. Os Anciãos davam-se os últimos lugares e permitia-se-lhes que cuidassem sómente do campo espiritual, pois tudo dependia do Director, figura suprema mas simples executante das ordens dos Chefes. Foi-lhes tirado, também, o ensino bíblico e a matéria para estudo encontrava-se estereotipada nas páginas de «A Atalaia.»

Por fim, a Sociedade eliminou o trabalho dos Anciãos. Com esta medida evitava-se o auto-domínio e direcção congregacional, cimentando-se definitivamente a Teocracia que, desde Brooklyn, tudo dominava. Deu-se, como era de esperar, a revolta das congregações mais importantes, mas nada conseguiram com essa atitude. A Sociedade, aos poucos, sufocou-as impon-

de-lhes ajudantes, todos eles jovens especialmente treinados para servirem a Sociedade e que gozavam de direitos ilimitados. Houve distúrbios, e não poucos, mas só serviram para evidenciar os opositores à Torre de Vigia.

### A «Limpeza» chega a Betel

Para reorganizar a nossa Betel, segundo a direcção de Brooklyn, houve que liquidar os reaccionários. Esta operação alcançou o seu objectivo entre 1924 e 1926.

Pensando servir ao Senhor com maior fidelidade, nada recebíamos pelo nosso trabalho, contentando-nos, apenas, com a comida e o vestuário. Pouco a pouco a Sociedade tornou-se mais exigente impondo-nos certas regras como «não faças isto ou aquilo», o que desagradou a muitos. Para isso, usava a história de Gideão e dos trezentos soldados, convencendo-se que era melhor ter poucos membros, mas bons e fiéis. Em 1926 a liquidação terminou e a Sociedade criou a certeza de haver ficado, sómente, com o ouro puro. Era com este que formaria a cabeça da Teocracia, tal como a estátua descrita em Daniel 2:31-34. E, agora que o êxito fora completo, o mesmo processo seria empregado nas congregações situadas num raio de 150 quilómetros. Deram-nos ordens para impormos nesses locais, primeiro brandamente e depois com energia, a nova ordem baseada na venda de livros, declarações do emprego de tempo, reuniões de treinamento, e por último o estudo segundo as doutrinas da Sociedade. Em 1927 essas congregações foram tomadas como modelo para toda a Alemanha.

### Manobras Encobertas

Na revista da Torre de Vigia falava-se amiúde da defecção da classe Mardoqueu-Noémi, uma manobra da Teocracia contra a classe mais elevada. Acusavam-se os seus membros de

terem abandonado a Sociedade, dando-lhes o nome de dissidentes, murmuradores ou infiéis. Os membros da classe Rute-Ester, imediatamente inferior, ocupavam os lugares vagos pela saída dos outros. Como os protestos contra esses actos arbitrários se multiplicassem, a Sociedade entrou em cena qual Siegfried com a espada desembainhada para matar o dragão. A luta, desencadeando-se com toda a ferocidade, tornou-se insuportável para os crentes sinceros que ainda permaneciam fiéis e firmes nas suas relações com o Senhor Jesus Cristo. Rejeitando enérgicamente as imposições de Brooklyn e Magdeburgo, desapareceram aos poucos das congregações, onde com as suas vidas consagradas ao Senhor, tinham sido autênticas testemunhas de Cristo.

Alterando os textos da Bíblia, e fazendo-os ajustar aos seus planos, a Sociedade desprezou os Ancílos ou Presbíteros, e as Organizações de Brooklyn e de Magdeburgo passaram a ser governadas por agentes da Teocracia que a si mesmos se intitulavam «Servos Sábios e Fiéis.» A duplidade destes cabecilhas tornou-se evidente através dos seus escritos.

O «servo sábio e fiel», a que se refere a passagem de Mateus 24:45-52 era, segundo diziam, uma classe, e isto para anular a primitiva crença de que Charles T. Russell personificava esse servo. No entanto, afirmavam também que o «servo mau» da segunda parte dessa mesma passagem referia-se a cada um dos indivíduos e não a uma classe! A duplidade era e é bem patente!

## CAPÍTULO 8

### A ORGANIZAÇÃO DE DEUS

#### Um Discrepância Eliminada

Atacávamos a Cristandade pela sua organização mas, por nosso lado, erguiamos uma organização ainda mais poderosa, conforme descrevi no capítulo anterior. Esta contradição doutrinal desmentia a nossa sinceridade. Em 1926, ao marcar-se uma Convenção para Londres, anunciou-se ao mesmo tempo que nela se abordaria um problema importantíssimo, ou seja a resolução desta aparente discrepância. Nós, os de Betel, esperávamos, como sempre e com grande expectativa, a nova verdade fabricada em Brooklyn.

Como de costume, a Torre de Vigia arrumou tudo com grande facilidade graças ao espírito inventivo do Juiz. A sua argumentação desta vez tinha uma concepção genial. Podemos resumi-la da seguinte forma: Deus tem uma Organização e tem-na desde o princípio, isto é, desde o inicio da Criação. O Diabo, porém, e como «deus Momo», perverteu a organização em seu proveito. Sempre houve, no entanto, uma Organização de Deus, ou original e que, segundo a Torre de Vigia elucida, é uma mulher. Nesta reivindicação a Sociedade não

justificava sómente a sua Organização. Lançava de igual modo uma base esotérica para o incremento das obras, ritos, contagem de tempo gasto na venda de livros, seu estudo e a execução de relatórios. Os nossos Anunciadores provenientes desse mesmo esforço, e como novos membros, nasciam dessa «Mulher-Organização», tal como acontece com qualquer criança. De acordo com esta explicação todas as igrejas e organizações profanas provinham de Satanás. A deles, isto é, a Torre de Vigia era a Organização de Deus e encontrava-se instalada em Brooklyn! A de Satanás, em Londres! Esta doutrina foi pregada e ensinada de 1928 a 1938, data da aparição da Teocracia como única representante de Deus na terra. Qualquer organização política ou comercial era considerada como «Egipto.» Os Católicos e Protestantes correspondiam aos Moabitas, Amonitas e Idumeos.

Nós estávamos dentro e os outros de fora. A partir de 1928, e em conformidade com estas doutrinas, as «Testemunhas de Jehová» deixaram de pregar a Cristo e de baptizar os crentes. As visitas de casa em casa faziam-se não com o intuito de pregar, mas para «explorar os Egípcios» (Êxodo 11:2.) Procuravam e atraliam com astúcia as ovelhas de outros apriscos para tirá-las, bondosamente, dumha organização satânica. Afiravam também, não ter que obedecer a quaisquer leis nem respeitar autoridades ou governos. Se as prendiam diziam-se vítimas de perseguições...

O ensinamento da organização teocrática tornou-se mil vezes pior que a casuística dos jesuitas. A saudação à bandeira nacional ou qualquer outra é considerada como «honrar a própria imagem de Satanás.» Exige-se uma obediência cega à Torre de Vigia com oposição absoluta a qualquer outra fonte de autoridade. Pegar em armas para combater só é admisível se a ordem emanar da Organização de Deus; porque, no final, todos os seres humanos serão destruídos com exceção dos refugiados na Torre de Vigia.

«Não podemos matar os trânsfugas porque a lei o proíbe. No entanto, se a nossa Organização pudesse impor desde já um domínio total, matá-los-farímos imediatamente. E o me-

Ihor é considerá-los «bem mortos.» Estes são os ensinamentos do Juiz secundado pela Torre de Vigia. (Eu sou um exemplo vivo do que acabo de dizer. Os membros da minha família, seguidores fanáticos da Torre de Vigia, aceitam fielmente a tutelagem de Brooklyn, considerando-me «bem morto» a partir do momento em que me afastei para gozar «a liberdade gloriosa dos filhos de Deus.»)

Apresentei a panorâmica geral da Organização desde que a consideraram como «a Mulher de Deus.» Na Convenção de Londres tomaram-se também providências para fomentar a venda dos livros. Só o Juiz publicava uma obra por ano. Empregaram-se todos os meios para aumentar as vendas e os lucros. Quando eramos presos por não possuir licença alegávamos não ser uma venda mas a simples pregação das nossas doutrinas. No entanto, os lucros variavam entre os 200 e 400 por cento! Adiante mostrarei como foi possível que um tal negócio fosse considerado como pregação dos nossos ideais.

#### **«Kadaver Gehorsam»**

Precisávamos de milhares de livros e impunha-se supri-los, o que se tornou um problema tremendo; para o solucionar tivemos que construir instalações novas. A fim de levantar esses edifícios convidaram-se voluntários que vieram de todo o país para ajudar nas construções. Mas, por serem voluntários, o trabalho não rendia. O Director, assediado pelos Chefes de Brooklyn, desejava mais velocidade e prontidão. Por isso contratou três turmas de operários «do mundo», isto é, que não eram membros da Organização e entregou-lhes a chefia dos trabalhos. Estes homens tinham ordens para exercer vigilância sobre os irmãos e exigir-lhes um trabalho mais duro. O Director secundava esta pressão todas as manhãs ao café, fazendo uma preleção espiritual baseada no Velho Testamento. A saída de Israel do Egito e as fases da sua peregrinação até à conquista

da Terra Prometida serviam de tema e de pontos de comparação. Numa dessas exortações excedeu-se, pois apelidou os voluntários de «Kadaver Gehorsam.» Esta expressão pertence à gíria militar germânica e implica a ideia dum a obediência de cadáveres. Mais de metade dos voluntários largou o trabalho, colocando-nos numa posição crítica. Neste incidente os Chefs aprenderam que os irmãos não estavam dispostos a receber ordens de estranhos. Quando a Teocracia se organizou necessitando, portanto, de mais trabalhadores para expandir a manufatura e venda de livros, não chamaram os de fora, mas sómente os irmãos a quem chamavam «Servos dos Irmãos.» Estas Testemunhas de Jehová aviltaram-se de tal maneira que aguentavam todo e qualquer jugo imposto pela Teocracia de Brooklyn.

Assim, e para concluirmos as construções planeadas, tivemos que contratar, únicamente, pessoal estranho à Organização.

## CAPÍTULO 9

### DO ENTUSIASMO AO DESALENTO

#### **Novo Gosto pela Ação**

Chegara a altura de pôr em prática contra a Organização de Satanás os novos conceitos da Organização de Deus. Como bons germanos e julgando pertencermos ao «povo escolhido», entrámos na luta com vigor redobrado, procedendo nos mesmos moldes dos fariseus e saduceus do tempo de Cristo. A nossa atitude nada tinha da humildade exigida aos servos do Senhor, antes pelo contrário, sentíamo-nos envaidosos quais guerreiros e conquistadores. Considerávamos, além disso, que a Cristandade fracassara, cabendo-nos a tarefa de a converter à Organização de Deus.

O Cristianismo usa predominantemente o nome de Jesus ou de Cristo. Nós, porém, preferimos abandonar esse Nome passando a utilizar o de Jehová para em tudo sermos diferentes. Ao tomarmos esta atitude repudiávamos a tese de uma vida cristã individual e em comunhão directa com o Pai substituindo, também, o princípio da salvação pela fé no sangue de Jesus Cristo, por obras que a Sociedade impunha. Transformámo-nos na Organização de Jehová, desprezando a Jesus,

«o único nome dado aos homens debaixo do céu pelo qual podemos ser salvos.»

### Impondo a Batalha

Nós, a Organização de Deus, fomos conquistar o mundo certos de que Deus estava do nosso lado. Armados com esta ideia, atacámos de todas as maneiras: nas igrejas, em reuniões especiais de testemunhos em massa efectuadas aos domingos nas pequenas cidades onde o povo assistia normalmente aos cultos nas suas igrejas, de casa em casa durante a semana, fazendo circular aos milhares as revistas e na entrega quinzenal das mesmas. E apropriando-nos, mais uma vez, da terminologia das Escrituras, dizíamos levar «a peleja até à porta.»

Quando a luta se encarniçou, vímo-nos atacados por todos os lados. Fomos presos, arrastados aos tribunais e enfrentámos inúmeras dificuldades. Mas tudo recebíamos de bom ânimo porque, segundo pensávamos, sofriamo por uma causa nobre e santa. Acreditar que pertencíamos a Deus e os nossos inimigos à Organização Satânica, fazia-nos sentir como bem-aventurados. Aprendi a não ter escrúpulos de consciência quando se luta porque na guerra tudo é lícito... Enfrentávamo a oposição de cabeça levantada e cheios de orgulho.

Por essa altura apareceram as «tropas de assalto» do Partido Nacional Socialista que, não tendo muito poder, sobreviviam pela violência. Acusaram-nos de sermos propagandistas organizados nos Estados Unidos, mas nós, sem qualquer temor, replicámos com toda a ferocidade. As igrejas protestantes, por seu lado, processaram-nos sob a acusação de blasfemarnos de Deus e os católicos romanos expulsaram-nos da fanática Baviera. Mas, todos unidos, contra-atacámos com violência. O ódio com que nos combatiam só serviu para cerrarmos as nossas fileiras, suscitar um vivo interesse pela nossa causa e sermos considerados como verdadeiros mártires. Deu-se, então, o fortalecimento do nosso partido e um aumento na

venda de livros. As publicações alcançavam tiragens fantásticas e os novos convertidos contavam-se por milhares! A «Organização de Deus» estava em marcha!

### Pescando em Águas Tempestuosas

A República de Weimar ia de mal a pior. A democracia e a República que a representava, impostas pelo tratado de Versailles, repugnaram aos alemães por as considerarem um símbolo de derrota. O desemprego aumentava e a esperança em melhores dias desaparecia. As massas eram arrastadas como carneiros. O Comunismo, na extrema esquerda, absorvia milhões de almas. Os nazis, na extrema direita, engordavam à custa de outros milhões. Entretanto as forças do centro mirravam. No meio desta confusão havia milhões aspirando por uma vida pacífica e espiritual. Estes formavam o nosso objectivo. Pescávamo-nos nas águas tempestuosas da descontrolada população alemã. Fizemo-nos campeões deste último grupo, os que desejavam viver sem violência e agitação.

Se os acontecimentos não tivessem concorrido para que Hitler controlasse a Alemanha, talvez esta se tivesse tornado no primeiro estado da Organização de Deus, governado sórmente por Testemunhas de Jehová. Os Nazistas e os Comunistas aperceberam-se desse perigo e opuseram-se-nos como a uma terceira força. Embora o nosso trabalho terminasse repentinamente com o advento do Nazismo tínhamos, no entanto, fornecido à Organização de Brooklyn um modelo a empregar quando se lhe apresentasse o ensejo.

### Iniciando a Produção em Massa

As oficinas de Magdeburgo estavam concluídas e a Sociedade da Torre de Vigia enviou-nos um perito em sistema Taylor para que aprendêssemos os segredos da produção em massa.

Depois de vários estudos e alterações alcançámos óptimos resultados tanto pelo volume de livros e folhetos saídos das nossas oficinas como pela margem de lucro obtido. Aprendemos, também, o valor de calcular o custo da produção. Conseguimos, assim, que a qualidade e o preço superassem as edições feitas em Brooklyn, e, como não tivessemos despesas pela distribuição — os nossos «Anunciadores» pagavam as próprias despesas vendendo os livros nas horas vagas — os lucros tornaram-se fabulosos. Havia também os Colportores e os «Pioneiros» a quem entregávamos os livros com 30% do lucro, guardando eles para si 70%.

Quando necessitávamos de quantias elevadas não recorriamo à verbas amealhadas à custa dessas vendas. Preferíamo lançar mão de empréstimos à base de «bónus» por nós emitidos e subscritos na totalidade pelos irmãos. Assim, fugíamo a dar informações ao fisco.

A nossa Organização teve um êxito estrondoso e a Sede em Brooklyn ordenou que nos encarregássemos da Polónia, Checoslováquia, Roménia e Áustria, nomeando-nos também «impressores para os países escandinavos.» Se não fosse a guerra em 1939, teríamos ganho a Europa para a religião da Torre de Vigia. Mas a guerra, provocando a paralisação quase que total, aniquilou os nossos planos de expansão e conquista. Se as nações não tivessem medidas repressivas bem energéticas, as Testemunhas de Jehová, usando os mesmos meios que empregámos para doutrinar a Alemanha antes de 1939, poderão dominar os Estados Unidos e, mais tarde, a África, a América do Sul, a Ásia e a Europa.

Brooklyn não deixou de aproveitar os ensinamentos colhidos através dos métodos usados na Alemanha. Por último, montou um Colégio tão importante para as Testemunhas de Jehová, como o são Eton e Cambridge para a diplomacia e ciências políticas inglesas.

### Metido em Dificuldades

Fui habituado a expor os meus pensamentos em voz alta e com plena liberdade, mas essa atitude trouxe-me sérios constrangimentos. E embora acreditasse no direito de expressar livremente as minhas opiniões, aprendi bem depressa que, se queria vencer, devia medir cuidadosamente tudo quanto dissesse. O melhor método era falar pouco e sómente quando respondia a qualquer pergunta formulada, quase sempre, à mesa e durante as refeições.

Em 1926 fui admoestado por omitir voluntariamente o número e nome dos irmãos que não quiseram assinar um pedido arbitrário para permanecer em Betel. Era da minha responsabilidade convencê-los a assinar esse documento e declarar os nomes daqueles que levantassem objecções conscientes a um tal procedimento. Por algum tempo, cerca de um ano, consegui que esse assunto permanecesse arquivado. O «chefe», no entanto, conhecia muito bem os meus manejos e, certa vez, disse-me claramente. Eu creio que ele até adivinhava os meus pensamentos. *Kadaver Geborsam* (obediência cega ou de cadáveres) era a única lei a seguir. Aprendi, pois, que as Testemunhas de Jehová não permitem a menor desobediência a qualquer das suas leis e ordens, em contraste com os próprios Governos que permitem a isenção do serviço militar quando são apresentadas objecções de consciência. E assim procede a «Organização de Deus!» Desobedecer no mínimo às ordens emanadas dos escritórios de Brooklyn é ganhar a qualificação de «mau servo.» Como «bom jovem» não fui condenado mas apanhei uma severa reprimenda... e dela nunca me esqueci.

### Intranquilidade em Betel

Em Betel, o centro do poder teocrático em Magdeburgo, deu-se uma autêntica revolução. Com o desenvolvimento

da Organização, o melhoramento dos métodos empregados, o aumento da produção e do volume de vendas, pouca consideração se dava aos gastos ou anseios de cada um. Éramos bem alimentados e dispúnhamos de acomodações modernas, bem melhores do que as da maioria das nossas famílias. Mas como a nossa vida se encontrava organizada dentro dum rigidez tremenda, nenhum partido ou satisfação tirávamos desses benefícios. Além de três reuniões semanais, trabalhávamos seis dias por semana e, por vezes, sete. Não passávamos de simples autómatos. Entretanto, a Organização engrandecia o seu poder à custa do aumento das vendas e tudo corria às mil maravilhas.

Não havia favoritismos, a não ser para os espiões do Director. Este dizia-nos: «Tenho conhecimento de tudo aquilo que os senhores fazem ou dizem.» As nossas faltas, tanto as grandes como as pequenas, entravam nos arquivos servindo de prova, para nosso espanto e revolta, quando nos queriam castigar ou repreender. Por este processo o Director aumentava o seu poder e mantinha-nos em sujeição completa. Ele, no entanto, consigo próprio não procedia com tanta rigidez. Usava roupas interiores de seda natural, fatos de primeira qualidade e habitava um apartamento de luxo num dos subúrbios residenciais da cidade. Dispunha também dum «Mercedes» com motorista e viajava em primeira classe sem justificar as suas ausências prolongadas, por vezes, de mais de quinze dias. Havia um contraste nítido e chocante, porque nós, trabalhando por 15 marcos mensais, mal nos podíamos vestir e, se viajávamos em serviço da Organização, fazíamo-lo em 3.ª classe ou amontoados num velho carro. Só com o auxílio das nossas famílias conseguíamos manter uma certa decência!

Todas estas circunstâncias, por provocarem um descontentamento geral, chegaram ao conhecimento do Juiz que quis tomar medidas repressivas contra o nosso Director. Este, avisado pelos seus espiões, e para as evitar, resolveu fazer uma viagem inesperada e desnecessária à Roménia. Ali foi parar à prisão por tomar certas atitudes contra as autoridades

e a favor duns irmãos que se encontravam presos. Perante tão inesperado acontecimento o Juiz esqueceu-se das acusações que pesavam contra ele e intercedeu pela sua libertação. Foi assim que o nosso Director, usando de astúcia e manha, se livrou dum a situação bem crítica. Estes factos tornaram-se públicos quando o «dedicado» Director tomou uma atitude hostil à Sociedade devido à opressão nazista que pôs termo ao nosso trabalho.

### **Desiludido**

Em princípios de 1927, aborrecido com a Organização, sentia a alma verdadeiramente torturada pela supressão total da minha liberdade e pela dureza e despotismo com que a Torre de Vigia arregimentava os seus adeptos. Se abandonasse Betel, continuando a viver na Alemanha, nunca encontraria paz e seria seguido e perseguido até a Organização aniquilar toda e qualquer influência pessoal. Decidi, portanto, voltar à América e para isso servi-me da minha certidão de nascimento. Depois de treze anos de ausência voltava à minha pátria. Mas nem aqui deixei de ser alvo da perseguição movida pela Torre de Vigia, como adiante mostrarei.

## CAPÍTULO 10

### «PIONEIROS! OH, PIONEIROS!»

#### **De fora para dentro**

Quando cheguei à América do Norte, em Junho de 1927, o meu procedimento para com a Sociedade da Torre de Vigia tinha deixado de ser igual ao que tivera três anos antes, quando, cheio de sonhos e esperanças, transpusera os seus portais. Agora, só pensava em mandar vir a família da Alemanha por pressentir que a vida, ali, iria de mal a pior.

Durante este período de ajustamento, de 1927 a 1931, passei a examinar as coisas de fora para dentro, numa atitude absolutamente contrária à anterior. Instavam para que voltasse às minhas actividades anteriores, mas opus-me. Meus pais, seguidores entusiastas da Sociedade, dispuseram-se desde logo a trabalhar com o mesmo ânimo, não deixando de insistir comigo para que me alistasse novamente. Mas eu, devido às tristes recordações de Magdeburgo, não tomei qualquer compromisso. Embora os dirigentes de Brooklyn não fossem tão ditadores como os alemães, eu não me podia esquecer que eles tinham sido os instigadores da Teocracia germânica, arquivando para uso próprio e futuro todos os erros e sucessos desse tra-

balho. Mais tarde ou mais cedo, a Torre de Vigia aproveitaria-se dos métodos empregados na Alemanha e, seguindo as mesmas pisadas, imporia uma Teocracia à organização americana.

### Atraso da Obra na América

Não havia dúvida que eu agora encarava a Sociedade da Torre de Vigia objectivamente. O meu coração encontrava-se definitivamente desligado dessa obra, isto é, do lado de fora. Observava as coisas desinteressadamente mas, mesmo assim, pude notar desde logo um atraso bastante substancial em relação ao trabalho alemão, principalmente no capítulo de publicações. As alemãs eram muito superiores. Procurava-se desde 1929 melhorar este atraso ou evitá-lo, e para isso, punham-se em prática os métodos empregados na Alemanha. A depressão financeira por que passou a América fez deter a nossa marcha, mas por outro lado criou na Torre de Vigia um espírito mais ganancioso. O andamento vagaroso em nada se parecia com a vida incansável e activa de Berlim. Descobri, imediatamente, que não podia ser de outra maneira, porque os alemães eram diferentes dos americanos na maneira de pensar. Estes não queriam sujeitar-se à rigidez do sistema alemão, obrigando os dirigentes a usar outros meios para impor uma obediência em massa.

Na Europa, a Sociedade aproveitava-se das consequências da guerra, mas por ela não ter atingido a estabilidade do governo ou o sistema de vida do povo americano, não se podia seguir, com este, o mesmo programa. Só se fosse adaptado à vida do país. Na Alemanha reinava a confusão e desapareceria a estabilidade. Na América, pelo contrário, a vida decorria como dantes, serena e normal. Isto, contudo, não os desanimou. Prepararam-se dirigentes para uma acção futura, isto é, quando se pudesse impulsivar o movimento sem receio dum fracasso. O ano de 1929 trouxe a oportunidade tão esperada! Durante

cerca de quatro anos a América debateu-se com as terríveis consequências da depressão financeira e a Sociedade soube aproveitar-se dessa oportunidade calda do «céu». (A depressão, segundo diziam, era um dos sinais da proximidade do fim do mundo).

Formaram-se como que pequenos lagos ou charcos onde as pessoas se debatiam assustadas por essa depressão formidável, prenúncio dumra ruina quase total. A Torre, como sempre, começou a pescar nessas águas turvas e revoltas, achando com facilidade o que procurava: tornar-se numa espécie de Arca onde todos se podiam acolher e achar refúgio seguro.

### Retorno às fileiras

Russell usara o serviço de colportores mas estes, segundo as novas directrizes, passaram a formar um grupo de Comandos com o nome de Pioneiros. No campo espiritual podiam ser considerados como as tropas de choque do Juiz Rutherford. Este grupo, formado de elementos escolhidos e leais, constituía a reserva que actuaria quando se desse a grande avançada para a implantação da Teocracia. O Juiz não deixava de mostrar o seu favoritismo por estes elementos. Oferecia-lhes livros para com o produto da sua venda «comprarem sapatos e andarem bem calçados sobre a terra». O trabalho destes pioneiros, assim como a sua organização e direcção, eram em tudo semelhantes aos grupos formados na Alemanha.

Em 1931, meu pai, pioneiro desde 1930, associou-se ao genro e à filha. Juntando os recursos disponíveis compraram um Ford modelo A e atrelaram-no a um atrelado feito por meu pai, e assim partiram para uma cidade do Estado de Nova York, onde iniciaram a venda das publicações da Torre.

As fileiras aumentavam com a incorporação de novos recrutas que apareciam cada vez em maior número. Por fim, eu próprio, e depois de resistir durante dois anos, resolvi entrar novamente para o trabalho activo. Comprei um carro com atrelado e juntei-me à família então no Estado de Georgia.

Nesse tempo, famílias inteiras dedicavam-se ao trabalho de pioneiros, levando a toda a parte as publicações da Torre de Vigia.

### **Caridade da Torre de Vigia**

O leitor perdoar-me-á, certamente, uma pequena divagação feita neste ponto da narrativa por ser absolutamente necessária a uma melhor compreensão dos métodos empregados pela Torre de Vigia.

É bom não esquecer que o alvo da Sociedade é estabelecer um Mundo Novo, ou seja, uma Organização mundial sob a égide da Teocracia da Torre de Vigia. Por isso, não praticam a caridade, seja ela qual for. Justificam esta falta deturpando as palavras do Senhor, quando disse: «Deixa aos mortos o enterarem os seus mortos», (Lucas 9:60), e condenam a caridade organizada pela Cristandade comparando-a à dos fariseus e escribas hipócritas dos tempos do Senhor (Mateus 23:27-29). Com estes ataques desenfreados procuram dissimular a ausência total de obras de caridade.

No entanto, sem o mais leve constrangimento afirmam praticar a caridade. E esta afirmação, à sua maneira, está certa. Em que consiste pois essa caridade? Em ir de casa em casa, em levar pessoas aos Salões do Reino e em vender-lhes as revistas e livros. A isto, caros leitores, chamam eles actos de caridade! Esta é, sem dúvida, sob todos os pontos de vista a maior das suas hipocrisias. Com sacos suspensos do pescoço, onde transportam as revistas e livros, param às esquinas das ruas «para serem vistos pelos homens». Tomam nota das horas gastas nesse trabalho, dão informações minuciosas das visitas efectuadas e indicam o número de pessoas que levam aos Salões do Reino. Em paga destas «obras de caridade», tão boas e generosas, esperam ser promovidos a «Servos».

Como sou um bom vendedor consegui em pouco tempo que o meu grupo dispusesse de dois automóveis com atrelados

repletos de «literatura». Se as pessoas não tinham dinheiro facilitávamos as vendas trocando os livros e revistas por gasolina e comestíveis de toda a espécie. A ânsia de vender e a ganância de lucro suplantavam tudo. Por vezes, acumulávamos sacos com nozes, caixas cheias de ovos e muitos outros produtos que vendíamos, aos sábados, nas cidades. Davam-se, por vezes, alguns percalços. Mas saíamo-nos bem de todos eles e sempre com lucro. Certa vez, em Maryland, uma árvore arrancada por uma tempestade caiu sobre nós. Saímos ilesos do desastre, mas tanto o carro como o atrelado ficaram avariados e grande parte da mercadoria imprópria para ser vendida. Perto do local do desastre habitava um homem, proprietário duma estação de serviço para automóveis. Receávamos pedir-lhe auxílio por conhecermos o seu ódio às Testemunhas de Jehová, não autorizando que se aproximassem da sua casa ou lhe falassem. Tinha mau génio e um temperamento arrebatado. Mas, como não havia outro remédio, resolvemos bater-lhe à porta. Para nosso espanto fomos recebidos com toda a amabilidade, pois sabia que tínhamos sido vítimas da tempestade e autorizou-nos a utilização gratuita das instalações da estação de serviço, nessa altura desocupada. Meu pai reparou os estragos enquanto promovíamos a venda dos livros não danificados. Quando por fim, deixámos aquele local ainda tínhamos 90 dólares em dinheiro. Em vez de estarmos gratos áqueles bons cristãos que se tinham compadecido da nossa desgraça, ajudando-nos tão liberalmente, consideramo-los como simples babilónicos ou egípcios a quem tínhamos despojado dos bens, segundo o ensinamento da Sociedade da Torre de Vigia baseado em Exodo 11:2.

### Dissolução dos Pioneiros

Eu ia de mal a pior. Ajudara a formar a Organização na Alemanha. Ao chegar à América conseguiu fugir a esse trabalho entrando para o grupo dos Pioneiros. Estes, pelo seu tra-

lho especial, gozavam duma certa liberdade e independência, pois operavam fora da acção directa dos escritórios de Brooklyn. Os Pioneiros, porém, foram dissolvidos e eu parecia predestinado a uma rendição completa apoiando, mais uma vez, o movimento da Teocracia. Os nossos livros deixaram de vender-se quando a depressão terminou. Por já não darem rendimento tornava-se impossível manter um batalhão de Pioneiros. Estávamos verificando na prática o que Lincoln dissera: «Podemos enganar algumas pessoas durante todo o tempo, e a todas as pessoas por algum tempo, mas é impossível enganar todas as pessoas durante todo o tempo.» Vimos com desespero que as pessoas sensatas das zonas rurais começavam a dar conta da nossa duplicidade. Nos livros atacávamos a sua religião e doutrina, passando, por isso, a não terem interesse na nossa literatura. Alguns permaneceram acessíveis ajudando-nos, mas formavam uma minoria insignificante, não dando o rendimento suficiente para pagar o nosso trabalho. Anotámos cuidadosamente os seus nomes e moradas que se tornaram muito úteis durante a Segunda Guerra Mundial, quando a Torre de Vigia estabeleceu mais de mil Companhias de Testemunhas de Jehová nessas regiões. Os Pioneiros deixaram de existir em 1937 durante a Convenção de Columbus. Foi nessa altura que o Juiz dispensou os seus serviços ficando eles, assim, sem qualquer ocupação. Verificara-se que a venda de livros não rendia as verbas necessárias impondo-se, portanto, a utilização de outros meios para o conseguir. Fazendo-nos passar por mártires, vítimas duma perseguição feroz, o dinheiro começou a chegar em abundância. Ocupar-me-ei desta faze noutro capítulo.

### Evolução Doutrinária

A evolução doutrinária dentro da organização da Torre de Vigia na América entre 1927 e 1931 foi, dum modo geral, a repetição do que acontecera na Alemanha. No entanto, foram

usados outros meios, porque a personalidade americana não admitia os empregados na Alemanha. Os americanos, em geral, opõem-se à imposição ditatorial duma ideia, ao passo que os alemães submetem-se a ela com toda a facilidade.

Em II Pedro 2:2, 3, o Apóstolo diz-nos: «E muitos seguirão as suas dissoluções pelos quais será blasfemado o caminho da verdade. E por avareza farão de vós negócio com palavras fingidas...» (Note-se que Pedro fala aqui desses movimentos que desacreditam a verdade e servem de tropeço a muitos). A Sociedade da Torre de Vigia empregou este método de subversão com muita subtileza e habilidade.

Sentindo a necessidade de se afastarem das Escrituras e abandonar o seu estudo, inventaram algumas generalidades ou meias verdades, dando-lhes o nome de «Verdades Novas», tornando-se, assim, merecedores da acusação feita pelo Apóstolo Pedro. A esse conjunto de doutrinas chamaram a «Mensagem do Reino» e os livros onde ela se encontrava exposta substituiam a Palavra de Deus. Sem as publicações da Sociedade, as Testemunhas de Jehová nada seriam. São alimentadas e sustentadas com o engano e não saberiam entender ou estudar a Bíblia por não terem os sentidos exercitados para examiná-la. O livro publicado pela Torre em 1928 como título de «Governo» só tem falsidades e enganos e foi publicado com o objectivo de preparar o terreno para a ditadura da Teocracia.

## CAPÍTULO 11

### REVIRAVOLTAS DOUTRINÁRIAS

Chegou a altura de dar aos meus leitores um pequeno resumo da estrutura teológica em que se esteia a Torre de Vigia, mostrando como são fabricadas as verdades com que a Sociedade espera realizar o grande sonho, ou seja, um governo teocrático, senhor de todo o mundo.

#### **Concepção da Besta Apocalíptica**

Quem ler com atenção o capítulo 13 do livro do Apocalipse sabe que ele se refere à Besta que profere blasfêmias e faz a guerra aos santos. Descreve também alguns acontecimentos futuros, durante os quais ninguém poderá comprar ou vender se não tiver a marca dessa Besta gravada na fronte e na mão direita. As Testemunhas de Jehová, no seu folheto «A Queda de Babilónia», aplicam este capítulo à Cristandade, ensinando que a Besta, formada pelos Protestantes, Católicos e Judeus, estabelecerá uma aliança com os poderes constituidos na terra, dando-se, por fim, a batalha purificadora do Armagedon onde a Besta é destruída.

Levado pelo erro, acreditei nessa interpretação mas hoje, graças a Deus, os meus olhos abriram-se e vejo, pelo comentário, que a Besta do capítulo 13 do Apocalipse tem mais pontos de contacto com as próprias Testemunhas de Jehová, do que com a Cristandade. A Torre de Vigia, tal como a Besta, já foi ferida uma vez quando Russell morreu e a Sociedade se dissolveu. No entanto, a ferida cicatrizou com a entrada do Juiz Rutherford para a presidência, tornando-se novamente poderosa, e em 1938 fez «descer fogo do céu» sobre «os religiosos», os crentes sinceros, ao atacá-los com anátemas e acusações de toda a espécie.

### «Vida» — Um Novo Livro

Os Estudantes da Bíblia, como devem estar recordados, anunciaram que os Príncipes Israelitas voltariam à terra em 1925. Predisseram, também, o fim do mundo baseados no regresso dos Judeus à Palestina. Este assunto foi tratado num livro a que deram o título de «Vida». A ênfase empregada neste tema era compreensível e até necessária, pois aproximava-se o ano de 1925, data em que se esperavam grandes acontecimentos. Tudo isto, no entanto, não passava dum amentira forjada com o objectivo de angariar fundos absolutamente necessários e urgentes. Por essa altura declararam também que já não havia judeus, nem valia a pena ligar-lhes qualquer importância, porque as Testemunhas de Jehová constituíam os verdadeiros «israelitas espirituais». Apropriaram-se das profecias referentes a esse povo e, nas suas publicações, procuraram dar uma nova interpretação ao Velho Testamento, usando mais uma vez a verbosidade, característica que os distingue como encobridores da verdade simples e pura. Andaram, assim, para trás, porque em vez de estudar a marcha do Cristianismo e as lições neo-testamentárias, fizeram-se «israelitas» e consideraram-se como «os escolhidos». Do fracasso das previsões para 1925 fabricaram uma vitória, trans-

formando-se nas brilhantes Testemunhas de Jehová que se apropriaram das palavras de Deus ao Povo de Israel e exaradas em Isaías 43:10. Copiando os judeus antigos, fizeram-se altivos, duros de cervis e cheios de desprezo para com os outros povos. Esta atitude provocará, sem dúvida, a sua maldição e, quem sabe, a sua ruína total.

### Justificação das Classes

Em 1932 apareceu um outro livro bastante significativo e intitulado «Preservação». Nele, e como de costume, alteraram as palavras das Escrituras para defender a existência de várias classes no seio da Organização. Cristo, segundo a sua concepção, compunha-se de 144 mil escolhidos oriundos da classe Mardoqueu-Noémi e que tivessem permanecido fiéis. O número encontrava-se por completar, e assim como Mardoqueu introduziu a Ester entre o povo de Deus e Noémi a Rute, formaram de igual modo a classe mais numerosa de Rute-Ester para assegurar melhor os objectivos quanto à formação da Teocracia. Nasceu, porém, um problema bem grave e que necessitava dumha solução. Procuravam prosélitos e conseguiram-nos aos milhões, mas estes já não cabiam em nenhuma das classes existentes. Excediam em muito o limitado número dos 144.000. Que fazer? O mesmo que os judeus da antiguidade ao resolvarem o problema dos gibeonitas quando estes pediram auxílio ao povo de Deus. Durante os anos de insegurança que se seguiram à Grande Guerra, centenas de milhares de pessoas procuraram refúgio junto das Testemunhas de Jehová por serem recebidas sem a imposição do peso e da tensão próprios da vida cristã, libertando ao mesmo tempo as suas consciências de qualquer problema. Os novos recrutas só tinham que obedecer às normas da Organização. Destacados para venderem livros, não eram obrigados a comparecer a todas as reuniões nem se preocupavam com qualquer problema pois havia quem se encarregasse de pensar por eles.

Em pouco tempo o número destes seguidores da Torre de Vigia alcançou alguns milhões. Surgiu, então, uma dificuldade bastante séria. Se Cristo, conforme se ensinara, só se compunha de 144.000 membros, que fazer com o remanescente? Afinal, que eram eles?

O problema resolveu-se muito simplesmente. Se por um lado os israelitas acolheram os milhares de gibeonitas admitindo-os no seu convívio, por outro, não os tratavam como iguais, dando-lhes, pelo contrário, trabalhos pesados e mais rudes, isto é, como aguadeiros e lenhadores. A Organização, perante um dilema tão sério, tomou duas decisões. Abandonou primeiro a pretensão de ser um ramo do Cristianismo, criando depois um lugar onde instalar essa multidão sem a mínima espiritualidade e que aumentava constantemente. Assim, a Torre converteu-se numa vara separada completamente de Cristo, sem vida nEle e morta, como se vê em João 15, texto este que o leitor devia examinar para compreender melhor a degeneração da Torre de Vigia.

Para apresentar e resumir estas novas doutrinas e justificar a necessidade da formação das classes, colocando os novos convertidos na categoria da «multidão, a qual ninguém podia contar» e mencionada depois dos 144.000 no capítulo 7 de Apocalipse, publicaram-se os livros «Preparação» (1933) e «Riquezas» (1934). Com esta explicação a Sociedade livrou-se do apuro, pretendendo também que não alterava a sua visão, pois tinha precedentes nas próprias Escrituras e conforme o relato de Josué 9 e 10, onde se apresenta a co-existência do povo de Deus com os gibeonitas.

### O Cristianismo é posto de Parte

Pelo exposto, a Sociedade viu-se obrigada a dar mais um passo em frente, despojar-se a pouco e pouco do manto evangélico com que sempre se cobrira e disfarçara. Para isso, mudou de nome. «Nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo

qual devamos ser salvos» (Actos 4:12) mas esse Nome não a deixava trabalhar nem lhe permitia, tão pouco, conquistar milhões de almas. Era um Nome sem qualquer significado ou utilidade na realização dos seus projectos. Assim, e para sua conveniência, adoptou o nome de «Testemunhas de Jehová». Não pensou, porém, que ao pôr de parte o nome de Cristo passava abertamente para a oposição. Com esta nova política e orientação as Testemunhas de Jehová adaptaram-se perfeitamente às características da «abominação da desolação», de que falou o profeta Daniel e enquadraram-se, também, na advertência do Apóstolo sobre o Anticristo, pois a Sociedade da Torre de Vigia, declarando-se contra a doutrina da segunda vinda de Cristo, tornou-se «uma bebida forte que embriagaria todas as nações» em vez de contribuir para a temperança advogada por Paulo, e tão necessária à medida que o fim se aproxima.

Corria o ano de 1931, que viria a representar mais um marco no avanço da Teocracia. Para assinalar esse facto histórico a Sociedade lançou uma obra comemorativa e composta de três volumes com o nome de «Defesa», onde firmou as doutrinas acabadas de adoptar e já postas em prática.

Apesar da Sociedade já não reconhecer o nome de Cristo, achou que não seria incoerente usar uma das Suas parábolas para secundar os seus propósitos. De facto, só viu e teve vantagens nisso. Foi, então, escolhida a parábola dos Trabalhadores da Vinha e das diferentes horas de trabalho, que adaptou admiravelmente aos seus objectivos. A Sociedade comparou os 12 anos decorridos, desde 1919, às doze horas do dia de trabalho. Na parábola, cada um dos trabalhadores recebe o mesmo salário sem se tomar em consideração a hora a que iniciara a tarefa. De igual modo, as Testemunhas aparecidas à última hora, mas depois de trabalharem durante muitos anos sob outra designação, recebiam a mesma recompensa dos primeiros membros da Sociedade mantendo, desta maneira, o espírito da parábola, ou seja, que tanto recebem os primeiros como os derradeiros. Como se esperava, houve murmurações e quei-

xas por parte das classes mais antigas, as de Mardoqueu-Noémi e Rute-Ester. Esta atitude foi sàbiamente comparada à dos trabalhadores que «murmuravam» do critério seguido pelo proprietário da vinha, tornando-se então possível dar a todos eles o mesmo nome, «Testemunhas de Jehová», ou seja, o prémio prometido.

Usando novamente uma parábola do Senhor Jesus para legitimar o engano e dando-lhe uma interpretação propositadamente errada, a Sociedade elevou-se à Teocracia, proclamando-se o Israel espiritual de Deus ou a «Nova Nação» (Leia-se Apocalipse 2:9).

Para que esses planos resultassem impunha-se deixar por completo a Igreja de Cristo, selectiva em sua estrutura e não inclusivista como a antiga sinagoga dos judeus. A Sociedade das Testemunhas de Jehová deixou assim de ser cristã, tanto na essência como no nome. Mas para poder prosseguir na campanha e arrebatar as almas às fileiras do Cristianismo, e mais tarde ao paganismo, a Organização tinha que criar nome. A melhor maneira de alcançar este objectivo era desencadear a guerra! É espantoso como a história bíblica dos gibeonitas serviu os interesses da Torre de Vigia tão bem e por tanto tempo! A Sociedade, seguindo o exemplo de Israel, declarou a guerra em defesa dos seus «Gibeonitas», os Jonadabes. Sustentou nos tribunais americanos, da primeira instância até ao Supremo, a luta pelo direito de «liberdade de adoração». Durante toda a luta a Sociedade representou o papel de mártir, acabando por se erguer como um herói vitorioso. A campanha teve êxito absoluto. Os detalhes desta luta serão contados nas páginas que se seguem.

## CAPÍTULO 12

### BENEFÍCIOS DA ESTRATÉGIA

#### A Situação a partir de 1930

Os chefes da Sociedade da Torre de Vigia, controlando por completo a Organização, mantinham todos os membros encerrados num autêntico colete de forças e exigindo dos «escravos» uma submissão e obediência completas. Os estudos bíblicos deixaram de existir, sendo substituídos pelos estudos da cartilha ou regulamento da Torre de Vigia, e em vez de reuniões de oração e de testemunho, realizavam-se reuniões de serviço onde só se discutiam as instruções da Sociedade. Resumindo: a Bíblia passara a ser um simples livro de referências, perdendo o seu devido lugar.

Usando os livros **Luz I e II, Justificação I, II e III e Religião**, condenaram todos os conceitos e ensinamentos sustentados pelo Cristianismo, assim como todos os ideais sãos observados desde há perto de 2000 anos. Para se colocarem acima de tudo aquilo que se reconhece vulgarmente como legítimo no campo espiritual, e servindo-se desses livros, condenaram a aquisição de licenças para a venda ambulante de livros, considerando aquela imprópria e ilegal. Condenaram igualmente a continência à bandeira nacional classificando essa atitude como um acto de idolatria. Criticaram, também, a simples cortesia

de o homem tirar o chapéu quando fala a uma Senhora, como se fora objecto de adoração e condenaram muitas outras coisas que se aceitam normalmente, considerando-as como delitos e ofensas graves. Desta maneira destruiram o ensinamento de Paulo que diz: «Porque todos quantos fostes baptizados em Cristo, de Cristo vos revestistes. Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escarvo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus» (Gál. 3:27, 28), estabelecendo distinções de classes entre os escravos da Torre de Vigia. E, assim, chegaram a um estado idêntico ao descrito por Paulo na sua carta a Timóteo: «Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina, mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências» (II Tim 4:3).

Como esta previsão se mostrou verídica no caso específico dos escravos da Torre de Vigia! Cada uma das classes—a de Mardoqueu-Noémi, a de Rute-Ester e a de Jonadabe—teve comichão nos ouvidos, dando atenção ao bem que se dizia da própria classe e a todo o mal que se referia às outras classes. Só uma equipa especial de professores podia servir uma ementa que satisfizesse cada uma das classes em particular e todas em geral. Este facto tornou os Servos Sábios e Fiéis numa classe indispensável e elevou-a acima das outras. E esta classe superior não descurou a oportunidade de contrapor as classes para merecer o favor e a posição que adquirira dentro da Organização.

Os chefes censuravam e acusavam o Critianismo de ter divisões. Eles, no entanto, não viam as suas próprias divisões e categorias. Primeiro os Directores; logo depois «O Resíduo», ao qual se seguiam as classes de Mardoqueu-Noémi e Rute-Ester; depois, e ainda, os Jonadabes divididos em «gente de boa vontade» e a Grande Multidão. E não mencionamos os Betelitas e Servos, nem os Anunciadores do Reino. Os escravos aceitavam tudo por bom porque tinham sido ensinados a seguir às cegas o que se lhes dizia sem formular o mais leve raciocínio ou pensamento pessoal.

### Martírio com Objectivo

As publicações seguiam o seu curso transportando desde Brooklyn os fluidos que, lavando os cérebros, inoculavam novos ensinamentos. Os resultados, porém, estavam longe de alcançar os objectivos esperados. Tornava-se, portanto, necessário fazer algo de concreto, algo que desse reputação e renome às Testemunhas de Jehová. Com esse fim adoptou-se o plano de «invadir» o Estado de Nova Jersey com «Anunciadores do Reino» que, de casa em casa, dariam não só o seu testemunho como fariam propaganda da Sociedade e dos seus escritos. O campo era vasto. Esse Estado é formado por pequenas comunidades com uma existência tranquila. Aos Domingos, os habitantes vão em família às suas igrejas ou ficam em casa a gozar tranquilamente o descanso semanal. E foi num ambiente destes que as Testemunhas atacaram com vigor. As reclamações não se fizeram esperar obrigando a polícia a exigir de cada «Anunciador» a respectiva licença para a venda ambulante de livros, na esperança de os afastar definitivamente. Por princípio, e como já dissemos, nenhum «Anunciador» possuía uma tal licença e a desistência não se verificou, porque era contrária ao plano preconcebido. Assim, houve prisões, julgamentos e condenações. Os transgressores, perante os tribunais e com hipocrisia, defendiam a tese de estarem lutando para manter os seus princípios de liberdade religiosa e de culto e não para infringir a lei fiscal. Exibiam-se como mártires e proclamavam ser alvos duma perseguição religiosa que, afinal, não existia. As apelações das sentenças policiais foram exploradas de tal maneira que chegaram ao Supremo Tribunal Federal. Os jornais, como era de esperar, tomaram conta do assunto e essa publicidade gratuita e feita por órgãos alheios à Sociedade ou a qualquer filiação religiosa, só trouxe benefícios e fama às Testemunhas de Jehová, isto é, o objectivo que procuravam alcançar quando puseram o plano em marcha. As autoridades, de boa fé, colaboraram plenamente na execução do projecto,

que não daria resultado se elas se tivessem conduzido doutra maneira. Os chefes, porém, contavam com essa reacção.

### **«Porventura sereis escondidos no Dia da Ira do Senhor»**

Segundo se estabeleceu definitivamente, a grande multidão, admitida ultimamente na Sociedade, não era «nascida do Espírito», mas simples Jonadabes e, portanto, comparável à chusma que abandonara o Egipto para seguir a Moisés e fazer parte do povo de Israel. Era aceite porque vinha refugiar-se à sombra da Sociedade por se esperar para breve a batalha do Armagedon. As palavras de Sofonias, 2:1-3, serviam-lhe de consolo: «Congrega-te, sim, congrega-te ó nação que não tens desejo, antes que saia o decreto, e o dia passe como a pragana; antes que venha sobre vós a ira do Senhor; sim, antes que venha sobre vós o dia da ira do Senhor. Buscai ao Senhor, vós todos os mansos da terra, que pondes por obra o seu julzo; buscai a justiça, buscai a misericórdia; porventura sereis escondidos no dia da ira do Senhor». E estas palavras serviam, também, de incentivo para atrair muitos incertos. Estes satisfaziam-se com essa «salvação porventura» (salvação por acaso) em vez de terem a certeza e a segurança cristã, como nós. A Sociedade interpretava mal o texto e aplicava-o ainda pior. Mas que importância tinha isso? O que interessava era ganhá-los para a Organização.

Esta deturpação constante das Escrituras serve para nos convencer que as Testemunhas de Jehová não são uma Organização cristã. Se o fossem podiam prometer segurança e certeza a todos os que com um coração sincero se arrependerem, reconhecem o Senhor e se submetem à Sua vontade. O que a Sociedade promete é uma possível fuga ao perigo.

As Testemunhas de Jehová não podiam nem podem confessar com os lábios a Cristo nem crer nEle de todo o coração, segundo Romanos 10. A sua missão era e é outra: ir de casa em casa com os livros para testemunhar da Torre de Vigia.

Nada mais podiam ou podem fazer. São simples Jonadabes sem qualquer espiritualidade. O seu papel consistia e consiste em repetir frases feitas e em citar os textos aprendidos nos livros e escolas da Sociedade.

### O Cartão de Testemunho

A actividade mental dos «Anunciadores do Reino» decresceu a tal ponto que não conseguiam apresentar uma mensagem pessoal quando trabalhavam de casa em casa. Desta deficiência nasceu a necessidade de se criarem os Cartões de Testemunho, elaborados nos Escritórios Centrais. Cada «Anunciador», ao ser recebido pelo dono da casa, apresentava esse cartão que explicava o motivo da visita e as condições de venda dos diferentes livros, tal como procedem os surdos mudos quando trabalham como vendedores ambulantes.

Os cartões, segundo os chefes diziam, eram preparados como simples e meros auxiliares do «Anunciador» para facilitar o seu trabalho e promover a venda de maior número de livros. Mas, no fundo, a verdade era bem diversa e muito mais sinistra. A Sociedade, compreendendo que os novos não tinham a mais leve instrução bíblica nem conheciam as Escrituras, procurou encobrir essa ignorância com os «cartões de testemunhos». Esta medida deu bons resultados porque encorajou-os a mantiverem-se na ignorância das coisas de Deus, e a tal ponto, que nem sabiam meia dúzia de textos dos mais conhecidos! Continuaram completamente vazios da verdade. Em vez de serem gerados «pela palavra da verdade» (Tiago 1:18), eram produzidos pelo espírito teocrático de uma mera Organização para que dissem nassem os seus livros e folhetos repletos de palavras fingidas, a todos enganando, conforme o ensinamento do apóstolo Pedro.

É triste ver como essas Testemunhas se comportam ao serem atendidas pelos donos duma casa. Entregando o Cartão de Testemunho limitam-se a dizer com timidez: «Represento

a Torre de Vigia». Eis ao que se reduz a sua experiência religiosa. Depois, elaboraram um relatório preconcebido, dão todas as informações exigidas e procuram cumprir as ordens dos Servos Sábios e Fiéis de Brooklyn. Seguem esta norma com uma sujeição estilo animal. Se uma delas não engrena nessa rotina é considerada como um cão sem dono e não permanecerá por muito tempo no rebanho, a não ser que se submeta por completo. Cada uma das Testemunhas deve prescindir da sua personalidade fazendo o mesmo que todas as outras e seguindo a rotina imposta. Não têm liberdade para expressar as suas opiniões nem para dar testemunho da sua fé em Cristo. Eis os pobres a que chamam Jonadabes. Não são mais que prisioneiros num poço de víboras.

## C A P I T U L O 13

### APOIADOS PELOS TRIBUNAIS

#### **Levantam-se Suspeitas**

A venda de livros, revistas e outras publicações prosseguia sem o mais leve desfalecimento. Como as Testemunhas vencessem a sua mercadoria em qualquer lugar e condição, a imprensa, em artigos muito severos e até cársticos, começou a acusá-las de venderem sem licença, provocarem confusão e incomodarem com esse comércio constante e premente. A Sociedade, aproveitando-se dessa campanha, utilizou-a como propaganda a seu favor o que aumentou as suas actividades. A luta começou e foram presas muitas Testemunhas. Era isto precisamente o que se desejava porque, dessa maneira, a Sociedade poderia representar o papel de mártir com muito mais realidade. Pouco a pouco os ataques da Imprensa foram desaparecendo e as Testemunhas prosseguiram, plácidamente, com a sua tarefa. Quando se tornavam alvo de algum ataque ou repressão diziam-se perseguidas por causa da sua religião e por serem uma minoria. Mentindo, diziam que a divulgação das numerosas publicações não passava duma simples e mera forma de pregar.

O público, compadecido, ajudava-os. Muitas portas se abriram para me acolher quando perseguido pela polícia. Nesses momentos conseguia sempre vender os meus livros, recebendo também algumas ofertas!

#### «A Religião é uma Fraude»

A Sociedade da Torre de Vigia muda de táctica segundo as suas conveniências. Recorreu ao Supremo Tribunal dos Estados Unidos para que lhe fosse reconhecido o direito e a liberdade de distribuir e vender os seus livros, acusando por sua vez todas as outras religiões de praticarem «burlas» pois ofereciam ou vendiam os livros religiosos que imprimiam! Acusando os demais escondiam as suas culpas. Propagavam que as religiões nada davam em troca do que recebiam, ao passo que as Testemunhas de Jehová ministravam o alimento verdadeiro, o grão escolhido e não meras patranhas.

Esta nova atitude das Testemunhas levou muitas pessoas a ofenderem-se, começando a maltratá-las. Assim, tornaram-se alvo de ataques violentos. Por vezes foram obrigadas a ingerir grandes doses de óleo de ricino ou forçadas a percorrerem longas caminhadas. Deu-se, então, um facto curioso. A mesma polícia que as prendera, passou a defendê-las pois, agora, considerava-as como perseguidas e humilhadas, embora cada uma das Testemunhas se alegrasse com a vantagem alcançada. A controvérsia e a luta chegaram a um tal ponto que se impunha pôr-lhes um fim. Armados de argumentos e sofismas alegaram não poder pagar os anúncios dos seus cultos servindo-se, por isso, dos folhetos e livros para entrar em contacto com as pessoas. Depois de conseguirem do Supremo Tribunal a protecção desejada, tornaram-se mais agressivos e, em 1938, falavam ostensivamente da Teocracia. E assim passaram a disfrutar de todos os direitos e do apoio do Supremo Tribunal que os reconheceu como religião organizada e disposta da faculdade de vender os seus livros como exercício próprio e legal. Nesta posição

ainda se diferenciaram mais dos cristãos porque estes só se consideram como tal quando renascidos do Espírito e da Palavra, ao passo que as Testemunhas de Jehová, não se prendendo com essas «minudências», e sem menor escrúpulo, a todos recebem em seu seio. Para isso, só têm que trabalhar como «Anunciadores do Reino», ir de casa em casa vendendo livros que chamam a atenção pelo colorido das capas e seus títulos e transmitir as informações referentes a estas visitas ao Servo Fiel, o chefe supremo da classe especial que a todos domina. Tudo isto, para mim, não é senão a «marca da besta». Mais adiante, e em pormenor, ocupar-me-ei destas actividades.

### Consolidando os Ganhos

Os que estavam no topo da Organização, os Servos Sábios e Ficis, tinham estabelecido uma verdadeira hierarquia. Todos os que se encontravam abaixo deles deviam submeter-se e executar sem queixumes as ordens dadas. Ninguém podia atrever-se a criticar as ordens dos chefes. Julgavam-se infalíveis. E se alguém fugia ao cumprimento destas regras, criticando-as como arbitrárias, era expulso sem contemplações ou desculpas. Estas eliminações faziam-se de tal maneira que as pessoas, apanhadas de surpresa, nem sabiam donde partira o golpe. Mas se alguém se rendia incondicionalmente aos superiores, aceitando a escravidão, recebia todas as considerações possíveis e imagináveis.

A Organização, na América, estava a chegar finalmente ao ponto alcançado na Alemanha em 1928. A cidade de Berlim tinha sido dividida em 40 «unidades». Agora, começando por Nova York (que inicialmente foi dividida em 7 «unidades») as grandes congregações em todos os lados foram divididas da mesma maneira. De princípio, tal como tínhamos feito em Berlim, havia um encontro mensal que reunia a antiga congregação. Depois, e gradualmente, as unidades tornaram-se Cenparhias independentes e, por fim, parte integrante duma Zona.

A «religião» da Torre de Vigia foi legalizada como tal. E não se pode negar o facto que dentro do espírito do Século XX quando abundam os grandes negócios, o comércio em grande escala e a alta finança, ela encerra um encanto fatal para a Humanidade. Grandes multidões já deram ouvidos ao canto da prostituta (veja-se Apocalipse 17:5 e Isaías 23:15-17), vendendo-lhe a sua personalidade.

## CAPÍTULO 14

### TRABALHANDO EM NOVA YORK

Agora passo a expor as minhas experiências pessoais até ao momento em que esta narrativa se encontra.

#### Um pouco de História

Em 1935 eu executava o trabalho de Pioneiro no Concelho de Rensselaer, no Estado de Nova York, e separado da cidade de Albany pelo rio Hudson. A nossa família trabalhava nesse grande concelho com êxito apreciável.

Durante todo esse tempo pudemos verificar que o Servo de Companhia fixada na cidade de Albany era um homem de carácter e, como antigo «Estudante da Bíblia», não se deixava manobrar pela Sociedade. Sentiamos que a sua posição era idêntica à do patinador sobre uma delgada crosta de gelo. Pessoalmente estava ansioso por saber em que daria essa resistência e observava cuidadosamente as manobras das forças sinistras da Teocracia. Perguntava a mim mesmo quem seria o escolhido para dar o golpe de misericórdia naquele Servo, esperando não ser eu o executor duma tal missão.

Certo dia, apareceu em cena um ancião que pertencia

a um dos departamentos da Sociedade. Por se encontrar reforçado, a sua manutenção não dependia da venda de livros, podendo, por isso, dedicar todo o seu tempo a eliminar o rebelde. O caso era delicado requerendo uma actuação prudente. Para este género de trabalho estava indicada uma pessoa idosa e a Direcção de Brooklyn já o sabia por experiência. Daí, nem sempre substituirm por jovens os elementos de certa idade como tínhamos feito na Alemanha. A nossa experiência servira-lhes de lição. Os atritos entre os dois deram-se logo de inicio. A Sociedade manifestava a sua preferência pelo novo enviado e os membros dessa Companhia notavam, sem dificuldade, quem recebia os seus favores. Como não podia deixar de ser, recebemos ordens para cooperar com este último, o que fizemos sem demora. Como esperávamos, o primitivo Ancião, todo individualista e independente, viu-se obrigado a renunciar ao seu lugar, sendo substituído por um membro da minha família. Como bom escravo que é, conserva ainda essa posição!

### Longe da infalibilidade

Em 1938, estando em casa de meus pais em Nova York, preparei-me para voltar ao Estado da Georgia e retomar o meu lugar de encarregado desse território, embora não fosse do meu agrado. Enquanto procedia aos preparativos recebi uma chamada de Betel. Ali, deram-me ordens para ficar em Nova York como Servo de Companhia em Manhattan. Como preferisse essa situação à deslocação para o Sul, aceitei-a imediatamente. A minha pronta obediência fez-lhes crer que eu era um dos seus, um escravo obediente, levando os Chefes a oferecerem-me uma nova situação, ou seja, a entrada para os Escritórios Centrais, última das coisas que eu poderia desejar. Por isso, fui como pude, mas desde esse dia, fui visto com maus olhos.

A prática de elevar ou rebaixar os Servos era arbitrária e nada evangélica. Embora quisessem convencer-nos de que

a Sociedade nunca errava, sendo infalível quando falava **ex-catedra**, observávamos muitas atitudes injustas no seu procedimento para com os pobres escravos. A Sociedade alega ter acesso exclusivo aos ouvidos e à mente de Cristo, mas no entanto, comete erros com frequência. Certa vez, e com a devida antecedência, recebemos ordens para, num dia previamente determinado, afixar nas portas de todas as igrejas cristãs um manifesto preparado pelos serviços centrais da Torre. Um advogado, que eu visitava várias vezes por estar interessado nas nossas doutrinas e a quem pedi conselho por causa da minha responsabilidade, disse-me que esse acto, se levado a efeito, seria muito grave. Pondo-me em contacto directo com o secretário do Juiz Rutherford consegui a anulação dessa ordem. A nossa secção legal de Brooklyn cometera mais um erro, aliás, como muitos outros e para ela passei a ser um homem matado.

Mas, apesar de tudo, a Sociedade da Torre de Vigia impunha a sua vontade ostensivamente, pois considerava-se a cabeça de ouro da estátua de Daniel 2:31-34. Era autocrática na sua atitude para com os membros da Teocracia que nomeava. As Companhias de Testemunhas de Jehová estavam-lhe completamente sujeitas. Os Anciões tinham sido demitidos e em seu lugar apareciam os Servos de Companhia com mandatos de autoridade expedidos a favor de cada um deles pela Sociedade que assumia todos os poderes da Teocracia. Estes escravos nada tinham de piedosos e até, pelo contrário, julgavam esse sentimento religioso, uma das características dos antigos Estudantes da Bíblia, como coisa própria para velhos e, portanto, sem qualquer apreço. Só se preocupavam com aumentar a utilidade das classes no desenvolvimento da Teocracia.

### De Coração ao Largo

Passado algum tempo dispus-me a voltar ao Sul como Pioneiro Chefe, mas recebi ordens para ficar em Manhattan como Servo duma Unidade. Esse lugar não me agradava por-

que sabia que as minhas relações pessoais com a Torre tinham mudado. Desde que entrara na Betel de Magdeburgo jamais voltara a ser o que tinha sido, isto é, um crente sincero. Sentia o peso da minha culpa por não estudar a Palavra de Deus e antes, ler sómente as publicações da Sociedade, destruindo assim a minha personalidade cristã. Nunca mais conseguira reconquistar o que perdera ao entrar nos Escritórios da Sociedade, em Agosto de 1924. Por fim, aprendera —e agora sei— que, para viver em paz com Deus e retomar a minha liberdade, devemos pôr de lado, como veneno, todos esses livros e cadernos de ensinamento da Torre e iniciar o estudo das Escrituras sem tais elementos.

Mantive-me com um pé dentro e outro fora até que, accedendo às instâncias da minha família, continuei o meu trabalho como Pioneiro, tornando a ostentar mais uma vez a marca da Organização (a Besta) tanto nas milos, pois vendia os livros, como na testa, visto pensarem por mim. Sobrecarregaram-me de trabalho para não ter tempo de pensar mas, mesmo assim, a minha personalidade e independência vincavam-se dia a dia. Se chegassem a libertar-me dessa vida de quartel, estava certo de poder voltar a ser um individuo e não uma simples peça dumha máquina infernal, cuja actividade se devia sómente aos impulsos dum chefe todo poderoso. Esta certeza gerou dentro de mim uma atitude que me impediu de voltar a actuar como parte integrante da Organização, tanto no campo espiritual como no emocional. E permitiu, também, conservar-me afastado dela nas actividades directivas, como se a estivesse analisando de fora. Esta atitude não era constante mas esporádica e sómente quando em descontração. Encontrava-me ocupado demais para poder entregar-me a esse luxo. No entanto, mais tarde pude alcançar a minha liberdade graças ao facto de ter exercitado e desenvolvido essa posição de análise objectiva.

Acho oportuno, neste momento, um pequeno conselho aos milhares de Testemunhas de Jehová ansiosas por se libertarem do jugo da Organização e que não podem ou não têm coragem para dar o passo decisivo. A primeira coisa a fazer

é criar uma atitude de indiferença total. Ao emanciparem-se da sujeição imposta pelas quotas e relatórios conseguirão analisar a Teocracia como simples espectadores. Assim, a «marca da Besta» desaparecerá aos poucos e insensivelmente. Foi o que se passou comigo. O Senhor, na Sua infinita graça, removeu essa marca, embora através de experiências bem dolorosas e de que darei um relato quando abordar a mecânica da minha fuga à escravidão da Torre de Vigia.

### **Observando de Perto**

Do meu novo lugar em Nova York perto de Brooklyn, a Betel da Torre de Vigia americana, eu podia seguir o curso da Organização e analisar todos os seus actos. O meu corpo pertencia-lhe, mas a alma recobrava, aos poucos, o seu valor real e a independência. Resolvi continuar a trabalhar para a Torre, porque se tornava mais fácil registar e observar os seus enganos e maquinações. Mas a dissimulação que se impunha para alcançar esse fim enchia-me de amargura. Era, porém, o custo da minha libertação. Escrevo com toda a sinceridade e por isso peço a Deus que os meus companheiros e irmãos de escravatura se compenetrem do meu caso e procurem dedicar-se, também, à leitura da Bíblia para que esta os desperte e encontrem a salvação. Apenas o Senhor pode salvar as suas almas para que não sejam devorados, permanentemente, nesse culto à «imagem da Besta» (Apocalipse 13.) Cheio de amargura via repetirem-se na América os mesmos acontecimentos já por mim presenciados na Alemanha. E esta observação provocava as reacções mais diversas. Fiquei absolutamente certo que a experiência alemã, descrita nos capítulos anteriores, tinha sido cuidadosamente registada e arquivada, estando a ser posta em prática agora.

### **Precedendo as Iniciativas**

Eu podia antever os movimentos da Sociedade porque, na Alemanha, vivera esses vários acontecimentos e observara

a sua evolução. Por isso andei várias vezes metido em complicações. Como Servo de Companhia, e conhecendo por experiência aquilo que tencionavam fazer, actuava antecipadamente. Fui repreendido, recebendo instruções para não passar à frente dos outros e aguardar as ordens da Organização. Mas o que eu pretendia era «errar» deliberadamente para verificar se iriam ou não impor todo o modelo seguido na Alemanha. E não me enganei, pois esse era o objectivo. A minha atitude e os conhecimentos que ela demonstrava não agradaram aos Chefes. Em 1937 recebi uma convocação urgente. O próprio Juiz Rutherford pedia a minha comparência para uma troca de impressões! Como me tremiam as pernas ao obedecer àquele amável convite!

### Era a Tortura

Crente amigo, se alguma vez gozaste a paz e a felicidade da mente de Cristo, que ultrapassa todo o entendimento, poderás compreender-me ao descrever os tormentos que vivi nesse inferno da Torre de Vigia. Tudo era como que trevas e luz, amargor e doçura, horror e consolo: um terrível pesadelo. Quisera correr e não podia, pois que as pernas negavam-me o apoio. Pesava sobre mim o jugo da escravidão, mas a minha alma sentia anseios por uma vida espiritual verdadeira e estável. Como os pesadelos são o efeito de uma refeição pesada e prejudicial, o meu estado era filho da alimentação fornecida pela Torre através dos editoriais e escritos e preparada para o sustento dos escravos. Comesse eu o Maná Celestial, isto é, a Palavra de Deus, e o Pão do Céu, o Senhor Jesus Cristo, e a minha condição seria bem diferente.

Ansiando por essa fonte de luz e verdade, vivi sem ânimo para escalar os muros da Torre e alcançar a liberdade. O Espírito já não me guiava. Deixara de ler as Escrituras! Dezoito anos depois dos acontecimentos que descrevo, e sómente pela graça de Deus, consegui a liberdade. Dezoito anos de luta!

Sim, eu era um crente, mas por ter descuidado o alimento vivificador tornara-me fraco e débil. Assim, prossegui nessa escravidão com a consciência oprimida cada vez que prestava contas das visitas efectuadas e do número de livros vendidos. Trabalhava sem entusiasmo e sentindo o coração ausente de tudo por ver e perceber o engano e a falsidade dos manejos do Presidente que orientava a marcha da Organização.

Na entrevista com o Juiz disse-me este sem qualquer rodeio: «Queremos que o senhor venha trabalhar connosco para a Sede». Senti uma repulsa e quisera ter forças para gritar «Não!» em obediéncia a uma voz interior, mas acedi e fiquei completamente submetido como já sucedera na Betel alemã.

A minha escravidão prosseguiu. Apercebi-me imediatamente da existência dum serviço de espionagem; reinava uma desconfiança mútua e constante. Tentei afastar-me da Sede, mas só o consegui depois da Convenção de Ohio, quando, para meu espanto, fui nomeado Exactor ou Servo de Zona, encarregado do Nordeste de Ohio e do Noroeste da Pensilvânia. Depois da minha nomeação recebi instruções específicas e bem claras. Informaram-me também do fracasso das Companhias dessa área, pois não conseguiam levar questões a tribunal. E foi a mim que coube remediar essa falha!

## CAPÍTULO 15

### UM PROGRAMA EM SETE ETAPAS

#### **Usando o Gira-discos**

O uso do gira-discos generalizou-se pouco mais ou menos quando se deram os acontecimentos acabados de referir. A Sociedade procurava inutilizar as insinuações de as Testemunhas de Jehová não passarem de meros vendedores de livros. Além disso queria refutar a acusação de se dedicarem à angariação de fundos — na realidade o objectivo básico da venda de livros projectada em 1922.

O gira-discos proporcionou-lhe o meio de se livrar dessas dificuldades. Com esse maquinismo as Testemunhas iam de porta em porta fazendo ouvir os discos com os discursos do Juiz. Estes discos já tinham sido usados, aos Domingos, por centenas de estações radiodifusoras. Mas os ataques violentíssimos do Juiz contra a religião organizada e as táticas obnoxias das Testemunhas de Jehová levaram muitas pessoas respeitáveis a usar a sua influência para cancelar essas emissões. A pouco e pouco desapareceram por completo. Desta maneira a Rádio deixou de ser um meio eficaz de propaganda, principalmente nas cidades, pois havia ainda pequenas estações de

rádio das áreas rurais que, por interesses financeiros, continuavam a manter o programa.

Perante estas medidas adversas e um maior número de acusações de as Testemunhas serem simples «divreiros ambulantes», a Sociedade resolveu publicar um manifesto declarando que devido à boicotagem da «Mensagem do Reino», feita pelas estações de rádio, os seus membros viam-se forçados a contactar directamente com o público. O dinheiro até então gasto nos programas radiofónicos passou a ser usado na compra de gira-discos e na gravação de mensagens e discursos.

### Nada de Generosidades

A Sociedade da Torre de Vigia não foi fundada para gastar dinheiro nem fazer qualquer oferta gratuita. Nada gasta sem calcular, primeiramente, os lucros que dai possam advir. Autocraticamente recusa-se a prestar as mais leves contas ou esclarecimentos às centenas de milhares de escravos, embora exija deles um relatório minucioso de todas as actividades e vendas. E ao tomar esta atitude achou uma justificação bíblica, como não podia deixar de ser. Repete piedosamente as palavras de Ezequiel 29:3: «O meu rio é meu, e eu o fiz para mim». Os chefes declaram possuir o direito exclusivo de pescar nesse rio ou canal como lhe chamam. Portanto, não permitirão às outras pessoas qualquer pesca e muito menos de dinheiro!

Quando em 1941 fundei uma casa comercial sob a firma «W. J. Schnell & C.º», para a venda de várias versões da Bíblia e livros de pesquisa, foi-me ordenado que «desistisse de me dedicar ao negócio de livros» por minha conta. Que o fizesse para a Sociedade, como aliás o fazia há 22 anos, não tinha importância nem mal algum; mas fazê-lo por conta própria era considerado um ultraje! Eu não cedi, porque deixaria de poder ganhar a minha vida visto não ter qualquer outra profissão. Em 1951 condenaram definitivamente as actividades dessa firma.

### Benefícios da Censura

Voltemos ao assunto dos gira-discos. Quando as portas das casas se abriam, as Testemunhas tocavam, então, um disco, faziam um pequeno comentário e apresentavam em seguida os livros e folhetos relacionados com o tema abordado no disco. O plano era fazer crer que não vendíamos os livros, tirar partido da boicoteagem pela simpatia e desmentir, assim, as acusações levantadas contra as nossas actividades. A crítica e censura, se aproveitadas convenientemente, são a melhor propaganda para promover grandes vendas. E nós soubemos aproveitá-la porque o público continuou a comprar os nossos livros e deixámos de ser considerados como vendedores ambulantes sem licença. Conseguimos divulgar a tese de que as Testemunhas de Jeová eram ministros fiéis do Evangelho, (embora tanto eu como vós saibamos que assim não é). A censura e a crítica provaram ser a nosso favor!

### As Sete Etapas do Programa

Inventou-se um sistema de sete etapas para o doutrinamento dos leitores. Eis essas etapas, ou outras tantas fases da lavagem de cérebro que, por fim, levaria à criação de mais um Anunciador do Reino para a Torre de Vigia.

**Primeira:** Conseguir, pelo menos, a venda dum livro. Isto não se torna difícil. O público, desconhecendo em parte as Escrituras e simpatizando connosco por sermos alvo dum «perseguição», compra os livros, pensando praticar uma obra de caridade.

**Segunda:** Repetir a visita. Procurar, então, ganhar a confiança do comprador e despertar o seu interesse pela leitura do livro adquirido. Preencher uma ficha para assegurar a continuidade das visitas, pelo menos, uma vez por mês, abrindo, assim, a porta à terceira etapa.

**Terceira:** Levar o comprador a estudar semanalmente com o Anunciador a matéria apresentada nesse livro. A esta

fase chamam o «Estudo Doméstico da Biblia». O título é falso, falsíssimo mesmo, porque o estudo não se ocupa da Biblia. O texto usado faz parte do livro vendido ou de outros livros da Torre de Vigia. Da Biblia utiliza-se, apenas, uma ou outra frase falsificada e que passa como sendo a «nova luz no Templo» isto é, somente para atingir os objectivos da Sociedade. A estes pobres incautos, que aos poucos vão comprando os restantes livros dão-lhes o nome de «pessoas de boa vontade», sendo levados por fim, a assinar as publicações da Torre de Vigia. Se um Anunciador fosse orientado de maneira a ter dois ou mais destes estudos, era obrigado a ler várias vezes por semana os livros da Torre. Desta maneira, e a pouco e pouco, acostumava-se às frases usadas nos livros, decorando-as com facilidade e podendo repeti-las, qual papagaio. Assim, estes estudos, além do doutrinamento do comprador do livro, têm também o condão de encher as cabeças dos «Anunciadores» com frases feitas que substituem os velhos conceitos bíblicos, os ensinamentos da verdade «que uma vez foi dada aos santos» e adoutrina aprendida durante a frequência de igrejas cristãs. Deixando a Biblia, aceitam os conceitos, opiniões e interpretações forçadas, a que as Testemunhas de Jehová dão o nome de «mentalidade teocrática».

**Quarta:** Dividir a cidade em áreas, ou zonas para orientar com maior vantagem os «Estudos Domésticos» efectuados, quase sempre, à sexta-feira. O estudo é dirigido por um «guia» nomeado pela Sociedade.

Os guias, pessoas competentes e espertas, substituem com facilidade as doutrinas bíblicas por ensinamentos da Torre de Vigia. Insistem constantemente no fan do mundo e na sua próxima destruição, tudo cobrindo com esse véu de crepes bem negras. Não há dúvida que se evidenciam como os maiores propagadores do fatalismo. São como os fariseus da antiguidade, «uma geração perversa que procura um sinal». Mas o verdadeiro sinal é o «Filho que vem em glória» e esse não aceitam nem crêem nele. São antes especialistas em advertências, superstições e agoiros. Cada quadra cristã tem seus «desenganos

específicos». Assim, durante a semana do Natal, anunciamos que Cristo nasceu em Outubro, contradizendo, também, a solenidade da Páscoa por a considerarmos festa de origem pagã.

Durante os estudos, e para criar interesse, todas as pessoas podem fazer perguntas. E como esta atitude não era mantida pelas igrejas, a que tinham pertencido, acreditam piamente tratar-se dum estudo bíblico. A ilusão assim criada ofusca o facto de apenas cerca de seis e meio por cento dos estudos terem alguma coisa de bíblico, sendo os restantes 93,5% simples teorias da Torre, frases de fachada e altissonantes, mas sem qualquer sentido e absolutamente vãs. Segundo este sistema, e duma maneira subtil, a marca da Besta vai-se gravando nas «pessoas de boa vontade». Destroi-se, assim, o dom de Deus para que cada um estude a Bíblia e dela se alimente mediante a luz do Espírito Santo. Em seu lugar constrói-se um cercado onde se encurralam as pessoas para que pensem em uníssono e nunca segundo o sentimento de responsabilidade individual como Deus ordenou desde o princípio.

**Quinta:** Encaminhar aos domingos os crédulos de boa vontade para os «Salões do Reino» onde são recebidos com toda a cordialidade. Infiltar-lhes a ambição de se sentirem dignos de estar presentes e de serem elevados imediatamente à categoria de «igualis» podendo vir, como os demais, a pregar e ensinar as lições aprendidas.

Não posso deixar de declarar neste momento que na verdade nem uma palavra se lhes dizia ou diz, sobre Cristo Jesus, nem do plano de Deus para a salvação. Falava-se-lhes, sim, e a cada passo, do Armagedon mas dizendo-lhes também que podem sentir-se seguros porque, encontrarem-se nesses salões, é como se estivessem numa cidade de Refúgio.

Esses pobres incautos, antes de lerem os livros da Torre de Vigia, aceitavam Jesus como o Salvador das suas almas embora, como muitos dos chamados cristãos, a doutrina entendida e aprendida pelos seus corações fosse muito débil e frouxa. Mas depois dos «estudos» e de todas as etapas expos-

tas até aqui, o conceito do perdão de Deus e da salvação pela graça desaparecem por completo para dar lugar aos ensinamentos do Reino, adoptando, assim, uma nova maneira de pensar. Chegam até a considerar as suas antigas igrejas como elementos da Organização de Satanás. E, a partir desse momento, passam a considerar-se como possuidores do verdadeiro favor de Deus, porque esses «Salões» são como a Arca de Noé, construída enquanto se pesava o destino do mundo.

Mais adiante apresentamos duas fórmulas de registo, ou fichas. São pelo menos quatro: uma das visitas de casa em casa; outra das visitas seguintes; outra ainda do «Anunciador» ou propagandista e mais uma do «Condutor» ou «Guia» dos estudos. Estas quatro fórmulas são «as ferramentas do ofício» para os seguidores de Russell.

**Sexta:** Assistir finalmente a todos os cultos e ser um «Anunciador» segundo as instruções da Organização. Treiná-los para uma distribuição eficaz dos seus livros, instruindo-os no tocante à maneira de conseguir contribuições em dinheiro.

Nem uma palavra, porém, sobre a oração ou sobre a vida cristã! O espiritual não tem valor. Requere-se, únicamente, que se seja um bom «Anunciador», que se dê conta do tempo e se preencha a quota destinada a cada um! Deste modo é-lhes imposta a marca da Besta na mão como já o fora na testa **pela etapa anterior, a quinta**. Marcados, iniciam o mistério da Religião da Torre de Vigia, sendo reconhecidos como «Anunciadores do Reino».

**Sétima:** O Baptismo. A Torre não crê nem ensina o nascimento espiritual «pela água e pelo Espírito». Usa, porém, um ritual para o Baptismo com um sentido semelhante ao usado nos mistérios de Babilónia quando se procedia à iniciação dos profanos. É um sinal exterior da entrada oficial na Organização ou Cidade de Regúfio. É o penhor de se ter despojado da sua personalidade e de todo o aspecto pessoal da religião de Jesus e uma declaração de que ao receber esse ritual fica sob o signo, obrigando-se, portanto, a ser um bom «Anunciador do Reino». Só depois de ter trabalhado como Anunciador e de ter sido

## Modelos de fichas ou Fórmulas

### REGISTO DE CASA EM CASA

Rua \_\_\_\_\_

Distrito \_\_\_\_\_ Concelho \_\_\_\_\_

Símbolos:

I-interessado	D-divergente	C-criança
VN - voltar novamente	O-ocupado	V-vago
NI - não se interessa	A- ausente	H-homem

VR-visita repetida M-mulher

Casa n. <sup>o</sup>	Apartamento	Símbolo	Observações	Casa n. <sup>o</sup>	Apartamento	Símbolo	Observações

O obreiro que visita a vossa casa anota o seu número numa destas fórmulas e regista a maneira como foi recebido.

### RELATORIO DAS VISITAS SEGUINTES (para ser devolvido depois de cada visita)

Nome \_\_\_\_\_

Distrito \_\_\_\_\_ Concelho \_\_\_\_\_

Data da visita \_\_\_\_\_ Literat. colocada \_\_\_\_\_

<input type="checkbox"/> Repetição da visita <input type="checkbox"/> Estudo Modelo <input type="checkbox"/> Estudo do Livro	(marque qual)	REGISTO (indique n. <sup>o</sup> )
--	---------------	------------------------------------

Esta pessoa já assistiu a um culto da Torre ou a um estudo?

Se a pessoa não está interessada marque aqui ( ) e junte a nota da visita anterior.

(Nome do Anunciador que fez a visita)

Se estiverdes interessados o obreiro voltará a visitar-vos e comunicará aos seus superiores.

baptizado é que a Sociedade o reconhece como Anunciador do Reino. Assim, a personalidade é sepultada na massa ou Teocracia e pode estar certo de ter perdido a sua alma e personalidade. Mas ganhou o mundo inteiro, a categoria de Anunciador do Reino da Sociedade do Novo Mundo!

Mas o cristão é muito mais porque é «rei e sacerdote» de Deus. Qual será o melhor? Qual deles escolheis?

Durante os anos de 1935 a 1938, no despontar da Teocracia, trabalhámos em Nova York e em outros centros metropolitanos desenvolvendo este sistema. O nosso objectivo constava primeiro em atrair, e depois fazer a lavagem de cérebro e moldar, criando assim milhares de Anunciadores do Reino, todos eles pensando da mesma maneira, quais meros autómatos. Em 1938, quando se decretou a Teocracia, todos eles se prostraram em sujeição abjecta ante a «Imagem da Besta» (Apocalipse 13), submetendo-se, incondicionalmente, às directrizes e às ordens emanadas da Torre de Vigia. Desapareceram, portanto, todos os vestígios da religião individual dos cristãos. Em seu lugar impôs-se-lhes e impõe-se-lhes a Organização do Novo Mundo, baseada na obediência de títeres manejados pelos superiores. E é isto o Reino de Deus ou a Organização de Deus, como se lhes ensina! Mas, na realidade, é uma ditadura cuja sede está em Brooklyn, mantida e executada pelos Servos Sábios da Torre de Vigia.

Confesso, envergonhado, a parte por mim desempenhada na orientação e montagem destes meios de doutrinamento, primeiro em Magdeburgo, de 1924 a 1927, e depois na América, de 1931 a 1938. Ensinei os Betelistas a efectuar visitas repetidas, guiei-os no estudo de livros, na utilização do gira-discos e nas sete etapas já descritas, e que serviram para desenvolver esta Organização de fantoches humanos...

## CAPÍTULO 16

### ACTUANDO EM NOVA JERSEY

#### Um Verdadeiro Escravo

Servia a Sociedade da Torre de Vigia de corpo, alma e coração, sendo, portanto, um escravo em toda a acepção da palavra. Não desejava fazer o que fazia porque estava certo de praticar o mal, tendo também a consciência de contribuir para a formação dum Frankenstein que, mais tarde ou mais cedo, provocaria a minha própria destruição. Sei, agora, que essa escravatura se devia ao facto de estudar a Bíblia sómente através das «ajudas» enganadoras da Torre de Vigia. Quando em 1943, acordando do torpor em que até ali vivera, comecei a perceber esse facto terrível, gerou-se em mim a força necessária e suficiente para em 1954 me libertar. Fora escravo por 30 anos, isto é, desde 18 de Agosto de 1924 e, se esse estado se deu e existiu durante tanto tempo, foi devido à literatura publicada pela Sociedade, sempre cheia de falsidades e deturações, que me alimentou diariamente e serviu também de instrumento para eu acorrentar muitos outros.

Pela graça de Deus, contudo, conservei dentro de mim uma certa independência pessoal, ainda que por ela tivesse

pago bem caro. Executava as ordens da Organização contra a minha própria vontade, sofrendo por isso de remorsos bem crueis e sentindo ao mesmo tempo o coração cheio de amargura e tristeza. No entanto, e apesar dos queixumes e gemidos da minha alma, permanecia acorrentado a essa escravidão, obedecendo em tudo, até mesmo quando ela me levava à prisão. Não passava dum pobre ZOMBI!

### **Em Atlantic City**

Em 1938 enviaram-me a Atlantic City, a famosa e conhecida praia na costa de Nova Jersey, para levar a cabo uma missão de violência. Encontravam-se ali alguns elementos do Exército de Salvação que actuavam com uma licença especial do Presidente da Câmara desse cidadela. Utilizavam o imenso passeio marginal junto da praia para, ao som de vários instrumentos, recolherem ofertas e donativos em dinheiro. Nós, sem qualquer licença, invadimos esse local e as prisões não se fizeram esperar. Ao pedirmos a respectiva licença, esta foi-nos negada sob o pretexto de o Exército de Salvação ser bem conhecido pelos seus fins caritativos e até do agrado público. Com licença ou sem ela as Testemunhas insistiram, lançando-se numa campanha que originou cenas violentas, embora o Presidente da

### **A Caminho da Prisão**

Num Domingo às 19 horas, utilizando uma mesa como estrado e o passeio marginal como auditório, comecei a pregar. Em poucos minutos a assistência subia a perto de 2.500 pessoas. Não chegara, porém, a pronunciar uma centena de palavras quando alguns polícias, obrigando-me a calar, puseram fim à reunião. Prevendo este desfecho, dera ordens aos meus colaboradores para logo que se desse a minha prisão distri-

buirem pela assistência alguns folhetos onde expúnhamos os nossos pontos de vista e as razões que levavam (segundo a nossa opinião) as autoridades a interromperem e interferirem no nosso trabalho. Essa distribuição provocou a prisão de mais dezoito dos meus colaboradores. Enquanto esperávamos a «Viúva Alegre» (carro celular que nos conduziu à prisão) e indo de encontro aos nossos desejos e anseios, fomos alvo da atenção do público. Cumprindo as ordens da Torre procurávamos não só atrair as atenções gerais como alcançar também a máxima publicidade. Queríamos fazer crer que a nossa prisão se devia ao facto de pregarmos o Evangelho, o que não passava dum mentira.

Depois de presos e enquanto na esquadra nos registavam as impressões digitais, apareceram alguns jornalistas, a quem fui autorizado a falar. Nessa entrevista, e explorando a oportunidade, disse que tínhamos vindo de Nova York por ordem da Torre de Vigia e para desafiar o Presidente da Câmara. Este encontrava-se de relações tensas com a imprensa local, facto esse que muito contribuiu para dar maior relevo aos relatos dos acontecimentos. Eu iniciara uma acção que, por fim e num outro caso, originou a permissão para continuarmos as nossas campanhas entre os milhares de pessoas que pululam nessa praia famosa.

### Pensamentos Tumultuosos

Durante essa noite, atacado por uma avalanche de pensamentos tumultuosos, não consegui conciliar o sono. Deitado na tarimba da cela não podia dormir não só por me encontrar numa espelunca, um autêntico nojo, mas também porque muito mais nojenta era a imundície que conspurcava e enchia o meu coração. Como podia um «cristão» levantar questões com pessoas desconhecidas e das quais não tinha a menor queixa? Essa não tinha sido a atitude do meu Senhor e Salvador de quem os profetas disseram: «Ele nunca levantou a Sua voz

nas ruas». A pregação do Evangelho servia-nos de pretexto, mas a realidade era bem diversa, assim como os objectivos em vista. E, para alcançá-los, nem evitámos a nossa própria prisão, apesar de haver entre nós algumas crianças! Sentia a vergonha do que fizera e a alma cheia de amargura e miséria. Um vadio, meu companheiro de prisão, perguntou-me qual a razão de me encontrar preso. «Por pregar o Evangelho», respondi. Com um sorriso de troça e incredulidade e voltando-me as costas, disse: «Por isso não prendem ninguém». E, no meu íntimo, não pude deixar de dar razão àquele homem.

### A Recompensa

Ao voltar a Brooklyn fui recebido como um herói. Considerando-me merecedor duma promoção enviaram-me como Servo Fiel à fronteira dos Estados de Ohio e Pensilvânia. Como director dessa Zona cabia-me a responsabilidade e iniciativa de repetir incidentes semelhantes aos passados em Atlantic City. Um dos betelistas disse-me: «Tu és forte e já deste provas do que és capaz». Como executor fiel da Sociedade prejudiquei muitas Testemunhas de Jehová, criando inimizades sem conto. Tornara-me, novamente, um leal Executor da Teocracia. Por servir com tanta eficácia as ordens dos meus superiores, a escravidão que me dominava prolongou-se ainda durante dezasseis anos.

## CAPÍTULO 17

### A TEOCRACIA DE 1938

#### **Os Sonhos do Juiz**

No sexto capítulo deste livro já referi o sonho do Juiz Rutherford quando se encontrava preso em Atlanta, assim como a determinação por ele tomada de combater o Cristianismo quando conseguisse a liberdade. A Teocracia de 1938 foi a realização desse sonho. Ao apresentá-la, e como de costume, o Juiz escolheu uma passagem bíblica, deturpando-lhe a interpretação e o sentido. O texto escolhido, desta vez, foi o de Isaías 60:17: «Por cobre trarei ouro, e por ferro trarei prata, e por madeira bronze, e por pedras ferro: e farei pacíficos os teus inspectores e justos os teus exactores.» Deturpando o conteúdo desta passagem, e com a sua natural habilidade, o Juiz aplicou-o à Teocracia. Para titilar um efeito mais concludente comparou as Testemunhas de Jehová com o povo de Israel antes do reinado de Salomão. Como este construiria o Templo e dera grandeza e poder à Nação Judaica, assim sucederia com a Sociedade ao formar-se a Teocracia.

#### **As Três Fases**

O Juiz adoeceu em 1938 e uma camarilha de sete Servos, dos mais bem cotados na Torre de Vigia, tomaram conta

das rédeas de comando enquanto ele se afastava do trabalho activo. Durante a primeira fase, de 1879 a 1916, a Sociedade esteve sujeita à ditadura de Carlos T. Russell. Na segunda, de 1919 a 1942, debaixo do poder ditatorial do Juiz Rutherford. Na terceira e última fase, que se processou depois, sob o domínio de um comité de sete individuos, vivendo em boa harmonia. Foram estes que estabeleceram a Teocracia. E a mim coube-me, também, tomar parte neste plano terrível!

Completamente escravizado, obrigaram-me a executar alguns trabalhos odiosos. Contribui, directamente para a escravidão de 463 pessoas a quem baptizei e cujos registos estão em meu poder. Encontrava-me envolvido por uma teia tecida por mim.

Para principiar fui nomeado administrador adjunto da Convenção de Cleveland onde se reuniram mais de 17.000 pessoas. O Juiz fez dois discursos célebres, um sobre «Encarai os Factos» e outro a que deu o título de «Enchei a Terra.»

#### «Encarai os Factos»

Neste discurso o Juiz, advogando a liberdade e opondo-se à arregimentação, preparou o terreno para que as Testemunhas de Jehová pedissem a isenção do serviço militar, invocando para isso a qualidade de ministros. Nós, porém, sabíamos muito bem que a liberdade não existia nas nossas fileiras, dentro da Sociedade. Com a sua verbosidade bem conhecida, o Juiz encobria as tácticas de escravatura por que éramos regidos na Organização, esforçando-se, também, para que as Testemunhas de Jehová não fossem consideradas pacifistas, isto é, contra a guerra. O Juiz não esquecera a lição aprendida durante a Primeira Guerra. Além disso, e nas presentes condições, não necessitava de criar um atrito porque, agora, era o herói e não o vilão, como acontecera em 1917, quando a guerra rebentara. Este discurso foi publicado em forma de livro e teve uma circulação de alguns milhões de exemplares. Além deste livro o Juiz escre-

veu uma série de folhetos, terminando com um opúsculo com o título de «Neutralidade.» Esta série de declarações ajudou as Testemunhas a livrarem-se do serviço militar, um verdadeiro êxito para a Teocracia que assim protegia os «Anunciadores do Reino.»

### «Enchei a Terra»

Enquanto o Juiz para os de fora declarava a oposição ao totalitarismo provocador da guerra e dava o seu apoio à neutralidade, impunha para nós um domínio absolutamente totalitário. Amedrontava-nos com o Armagedon e com a proximidade do fim do mundo. Dizia que os jovens deviam abster-se de casar, sendo melhor aguardar mais um pouco e formar um lar no milénio. Esta ideia foi concretizada e exposta com mais detalhes numa história sobre dois jovens, João e Eunice, publicada num livro com o título de «Filhos.» Estes dois jovens pensavam casar mas decidiram esperar pelo desfecho do Armagedon. Embora se amassem terna e apaixonadamente, suspenderam o romance por se aproximar o fim do mundo! A Sociedade da Torre de Vigia tem sempre um objectivo a longo prazo e outro a curto prazo ou um cumprimento mais ou menos preciso das profecias interpretadas à sua maneira e expostas nos seus escritos. Esperavam assim persuadir ao celibato uma multidão de jovens ou, pelo menos, protelar o seu casamento de cinco a dez anos, ou seja, até que o seu programa de treinamento e desenvolvimento mundial estivesse bem encaminhado.

A prova de que a doutrina de «Enchei a Terra» foi usada, sómente, como ardil para impedir o casamento durante algum tempo pode concluir-se do que aconteceu mais tarde quando o trabalho missionário em países estrangeiros já se encontrava firmemente estabelecido e com o máximo êxito. Então, deu-se uma autêntica corrida de jovens pares ao matrimónio. Esta mudança operou-se por iniciativa dos dirigentes da Sociedade que decidiram, repentinamente, ser melhor não esperar pelo

Armagedon para casar e encher a terra. A história encantadora de João e Eunice, tão bem contada no livro *Filhos*, foi esquecida e o livro desapareceu completamente do mercado.

As previsões do fim do mundo para 1914 e 1925 e a do Armagedon para depois da guerra não se cumpriram mas serviram, nesse momento, para pôr as Testemunhas sob pressão. «Enchei a Terra», também cumpriu o seu objectivo encontrando-se esquecido presentemente. Todas estas coisas não são mais que meras invenções fabricadas em Brooklyn para accionar as Testemunhas e animá-las nos seus esforços. São simples rumores que passam e esquecem. Entretanto, levam as Testemunhas a estremecer de terror e a aumentar a cadência das danças macabras em volta da Besta, a Teocracia de 1938!

## CAPÍTULO 18

### CHAMANDO À ORDEM A PRIMEIRA ZONA

#### **Trabalho dos Servos de zona**

Voltamos ao trabalho das zonas. Eu estava encarregado da Zona I no Estado de Ohio e que englobava vários concelhos dos Estados de Ohio e Pensilvânia. Na maioria dos casos, os Servos de Zona passavam uma semana em cada Companhia. Durante esse período tinham que treinar diariamente os Anunciadores sobre as novas técnicas de lavagem de cérebro e prepará-los para o programa das sete etapas, já exposto neste livro.

Ao anunciar-se o advento da Teocracia foi pedido às Companhias de Testemunhas de Jehová que votassem pela resolução de deixar de eleger os seus dirigentes, reconhecendo a Sociedade como a única autoridade com poder para nomear os Servos, e orientar a organização e direcção de todo o trabalho. Tendo votado a favor desta resolução, renunciaram a todos os seus direitos, ficando sob a influência exclusiva dos Chefes de Zona nomeados pela Sociedade.

Em algumas dessas Zonas tivemos que tomar medidas especiais para preparar a imposição do processo teocrático. Era o caso da Zona sob a minha chefia e onde eu actuava.

como amo e senhor. Tive que reduzir a influência dos dirigentes de Youngstown e levantar alguns atritos, viajando constantemente de um lado para outro a investigar e orientar as diferentes Companhias de Testemunhas de Jehová.

### **Divisões, Camarilhas e Invejas**

Em Youngstown havia luta entre dois grupos: os Jonadabes, sem a mínima espiritualidade e que mantinham o ceptro, e os elementos «mais espirituais» do grupo Rute-Ester. Ouvi, atentamente, os representantes dos dois grupos e formei a minha opinião pessoal sobre a contenda. Sem tomar qualquer partido segui para Niles onde encontrei as mesmas questiúnculas entre os grupos. Cibia-me, como Servo director de uma Zona tão importante, acabar com essas dificuldades, levando os Anunciadores a dedicarem-se ao seu trabalho e a orientarem a execução do programa das sete etapas e da lavagem de cérebro. Em Warren a luta envolvia três grupos sendo, portanto, mais complicada e difícil de resolver. Parece que as minhas decisões nada adiantaram. Por isso, o Juiz enviou-me uma carta ou **Ultimatum** de 22 páginas que, em última análise, tinha por fim suspender as minhas funções. Era intimado a responder com um simples sim ou não. Estava eu disposto a cooperar, ou não?

Esta carta não me surpreendeu. As experiências de Magdeburgo tinham-me ensinado a não temer coisa alguma, encontrando-me, portanto, em forma. Não eram esses mandaretes inexperientes da Teocracia que me iriam assustar. Eu tinha um objectivo único, ou seja, organizar a minha Zona sob o ponto de vista teocrático e não permitiria que alguém estorvasse o meu intento!

### **Espiões**

A mesma espionagem que existia entre as Testemunhas nos Escritórios de Brooklyn estendia-se, agora, a todo o campo de trabalho e às Zonas. Para reinar melhor, a Sociedade seguia

sempre a política de formar no seu seio várias classes, opondo umas às outras para submeter os «Anunciadores do Reino» com mais facilidade e rudeza. Eu não gozava dos favores dos chefes-zinhos de Brooklyn porque o sistema imposto por mim na Zona 1 não era do seu agrado. Terniam que, aumentada a minha força e firmado o meu prestígio, deixaria de lhes estar sujeito, tramando, assim, a minha expulsão. E eu, sem saber, tinha caído em desgraça.

### Mais uma Cena

De qualquer maneira, o facto é que o meu trabalho seguia sem interrupções. Em Hubbard, uma localidade de Ohio, não queriam a nossa presença. Aconselhei o aluguer duma casa para abrir um Salão do Reino. No dia da inauguração levei cem irmãos de Youngstown que desfilaram pelas ruas com distícos do seguinte teor: «A religião é uma Cilada e uma Fraude». A reacção não se fez esperar prendendo alguns dos nossos. O Presidente da Câmara, a quem procurei para tratar do assunto, pediu-me que não exibisse os letreiros pelas ruas da cidade. Mas eu, cumprindo as ordens recebidas da Betel, não acedi ao desejo das autoridades. Levei a minha intransigência a tal ponto que o meu advogado passou-se para o lado contrário. No sábado seguinte fizemos outro desfile, resultando daí a prisão de 22 companheiros. Apresentei, então, vários protestos e convoquei uma assembleia magna para domingo à tarde no nosso salão, tendo contra mim todo o povo. O chefe da polícia arrebatou-me o microfone logo no inicio da reunião e eu, correndo para a rua, saltei para um camião de que me servi como plataforma para falar à multidão. Apesar de me encontrar rodeado por uma muralha humana hostil e ameaçadora, nada me aconteceu, visto ter preparado um grupo de «falangistas» prontos para tudo e que mantiveram a populaçā à distância. O Juiz ficou encantado com a minha actuação e atrevimento e também por ver que, com tais atitudes, ganhávamos terreno

nas calmas comunidades daquele Estado. Mas a camarilha de Brooklyn não pensava da mesma maneira, embora nada pudesse fazer ainda contra mim.

### A Luta Prosegue

Durante a Convenção realizada em 1939 'no' Madison Square Garden de Nova York enfrentámos uma oposição tremenda. O recinto encontrava-se repleto e, por precaução, tínhamos preparado alguns grupos de «falangistas» armados de cacetes bem grossos para «apaziguar» a multidão, caso se tornasse necessário. Enquanto as pessoas iam entrando verificámos que a grande maioria transportava sacos de papel repletos de tomates podres para serem utilizados como projécteis contra os oradores. Assim, a minha secção de «falangistas» pôs-se a postos. Logo que o Juiz começou a falar os tomates choveram sobre ele. Entrámos imediatamente em acção e dispersámos a multidão à cacetada. O meu cacete partiu-se em dois na cabeça de um dos espectadores mas eu também levei a minha conta bem medida ficando com a roupa em tiras. No entanto, os discursos continuaram após alguns minutos de verdadeiro pandemónio.

### Louvado e Advertido

O Juiz chamou-me ao seu gabinete e deu-me os parabéns pela maneira como impedira o motim durante a Convenção, assim como pelo meu trabalho de Hubbard. Era evidente que cairia novamente em graça, dando-me ele nesse momento a oportunidade de lhe pedir a readmissão na Sede da Sociedade. Depois de uma longa pausa para que eu pudesse pensar e ter tempo de formular o pedido, e por este não se efectuar, tomou uma folha de papel dum grosso dossier e deu-ma a ler. Era uma informação da camarilha em que me acusavam de tomar atitu-

des levianas com as raparigas. O Juiz repreendeu-me mas pude ver que não acreditava nessa acusação. Ridicularizou-me, sim, fazendo-me parecer inútil e até desacreditado aos olhos dos outros, mas porque viu a firmeza com que fui a imiscuir-me nos assuntos da Betel. Sabin, por experiência, que acabara de tomar uma atitude da qual resultaria a minha queda. Primeiro seria afastado dos lugares de destaque para em seguida ser eliminado por completo. Ao chegar o momento desta última fase aviltaram-me sem piedade, desencadeando contra mim uma perseguição terrível que nunca julgara possível... Mas o Senhor encheu-me da Sua graça e sustentou-me até eu conseguir romper com todos os grilhões e alcançar a liberdade completa que só é possível em Cristo Jesus. Mais adiante apresentarei o relato desses acontecimentos.

A partir de agora a narrativa parecerá, por vezes, contraditória. Enquanto o poder do Juiz se esfumava aos poucos, a influência dos Chefes de Brooklyn ia num crescendo ameaçador. Dominavam e impunham a sua vontade sem que alguém pudesse pedir-lhes contas dos seus actos. E quer eu o quisesse ou não encontrava-me entre os desfavorecidos pela sorte, os que caiam em desgraça. Mas não perdi o tempo nem me entreguei a desânimos, porque estas circunstâncias iam levar-me a pouco e pouco a meditar as Escrituras sem as «ajudas» da Torre, o que finalmente iria dar-me forças para erguer-me e sair livre pela minha própria vontade.

### Triunfo em Hubbard

Voltando ao campo de acção, as lutas prosseguiram em Hubbard, sofrendo nós ataques violentos do inimigo. Além de servirmos de alvo a tomates podres, apanhávamos, por vezes, cacetadas a torto e a direito. A própria polícia desancou uma das Testemunhas, facto esse que nos levou a conseguir, com a ajuda do Juiz, um recurso de amparo seguindo-se, assim, um período de relativa tranquilidade. Não parámos, porém,

as nossas actividades, antes nos impusemos pouco a pouco, acusando a polícia de brutalidade, e Hubbard, por fim, teve que render-se ao nosso cerco. Estes acontecimentos foram publicados com todos os pormenores no livro **Consolação**. Passando a minha Zona a gozar duma certa tranquilidade e mantendo eu esse território sob uma fiscalização constante, dediquei-me a fortalecer a Teocracia como era meu dever. A guerra mundial, tomado um incremento novo depois do ataque japonês às forças americanas estacionadas em Pearl Harbor, alterou os nossos planos de trabalho.

Lembrando-se do que acontecera em 1917 durante a primeira Grande Guerra e temendo que qualquer dos Servos fizesse alguma declaração prejudicial ou tomasse atitudes antipatrióticas, a Sociedade dissolveu as Zonas e cada um de nós ficou sem apoio, contando sómente com as suas próprias forças. A actividade das Testemunhas paralizou totalmente no Canadá (por ser banida neste como em vários outros países) e parcialmente nos Estados Unidos, salvaguardando assim uma posição neutral, aquela que mais convinha e menos prejuízos podia dar. Só em Brooklyn prosseguiam as actividades da camarilha com o objectivo de dar forma ao que agora chamavam «A Sociedade do Novo Mundo».

## CAPÍTULO 19

### ESTABELECENDO A TEOCRACIA MUNDIAL

#### Não há Fuga

A 1 de Dezembro de 1941 terminei honrosamente todo o trabalho determinado para a Zona 1, julgando-me, portanto, livre. Mas seria eu de facto livre? Desejando fugir e isolar-me pedi uma nomeação para a Flórida. Não me sentia à vontade com a atitude da camarilha para comigo, principalmente depois de a ter acusado atirando-lhe em cara os abusos cometidos. Na Alemanha, numa situação idêntica e quando já não podia suportar o ambiente, libertei-me vindo para a América. Pude fugir facilmente àquele monstro que me dominava desde a juventude. Aqui, porém, já homem e pertencendo de corpo e alma à Sociedade, a fuga tornava-se mais que impossível.

Tudo que dissera e fizera contra a Sociedade, em oposição aberta à ditadura por ela imposta, iria custar-me muito caro e o castigo não tardaria certamente. O Senhor Deus assim o quis para que, por essas provações, alcançasse a liberdade gloriosa dos que O amam. Não permitiriam a minha deslocação à Flórida em comissão de serviço, ordenando-me, pelo contrário, que voltasse como Pioneiro a Youngstown onde

não me faltavam inimigos, e dos mais ferozes! Punha-se, pois, um dilema: Ou aceitava a nomeação ou liquidavam-me...

As dificuldades não tardaram a aparecer. Os meus associados estorvaram a execução dos planos de trabalho, impediram que formasse uma nova Companhia de Testemunhas e fizeram-me uma guerra surda, aproveitando-se de mil e um subterfúgios. E, para cúmulo, cai nas mãos do F. B. I. A América entrara em guerra, o que levou esse organismo policial a suspeitar de mim por ser de origem germânica. Assediado por todos os lados, fiquei de tal maneira abatido que comecei a sentir uma depressão nervosa inevitável. Entretanto a Sociedade da Torre de Vigia, como Pilatos, lavava as mãos de toda a responsabilidade, mostrando-se neutral e deixando as Testemunhas entregues às suas próprias possibilidades. Tomando uma atitude piedosa, intitulava-se uma «Organização Limpa», procurando justificar, assim, as suas acções obnóxias de alguns anos atrás. No prosseguimento de uma atitude cautelosa, a Sociedade obteve a sua legalização no Estado de Nova York depois de ter conseguido que o Estado da Pensilvânia a reconhecesse como uma sociedade de beneficência, sustentada por ofertas voluntárias. Nessa altura já as Testemunhas de Jehová contavam com a decisão do Tribunal que as reconhecia como uma religião. No novo alvará tomava a designação de Sociedade da Torre de Vigia para Bíblias e Tratados, Inc., do Estado de Nova York, precavendo-se, assim, contra qualquer eventualidade futura. Ao efectuar esta reorganização legal os dirigentes decidiram que a Sociedade fosse formada por um mínimo definido de membros, 6 a 8 de cada um dos 48 Estados, todos eles indicados pela Direcção da Sociedade e sujeitos a demissão, medida essa que permitiu à Direcção assegurar a sua permanência no poder. Desta maneira procurava-se evitar a repetição das cenas que se deram com as mortes de Russell e do Juiz Rutherford. Se ao princípio tinham o orgulho e a presunção de dizer que Deus protegia a Organização, agora procuravam a protecção do Estado, colocando-se no mesmo plano do que várias vezes apelidaram de a «Organização de Satanás»! Além disso

adoptaram uma política pró-americana que favoreceu a expansão de missões em todo o mundo do apόs guerra e quando os Estados Unidos gozavam duma popularidade mundial. Prosperaram em todos os países menos nas nações da chamada «cortina de ferro» onde o seu «americanismo» se tornava contraprodutivo e até prejudicial.

E aqui tendes o que é a flamante «Organização Limpa» —uma Teocracia brilhante, esplêndida, imaculada e com auréola de santidade... mas quem nela se fiar descobrirá, finalmente, não passar de uma organização política e comercial como tantas outras.

### A Escola Bíblica de Gillead

Chegara o momento da Sociedade abrir uma Escola Bíblica para a preparação de missionários. Não se julgue, porém, que os estudos eram bíblicos. Baseavam-se, sim, e únicamente, na «verdade» da Teocracia, preparando os estudantes de maneira a saberem argumentar e defender a sua posição e ideais.

A Sociedade possuia em Lansing, no Estado de Nova York, uma grande quinta onde cultivava variadíssimos produtos e onde instalara, também, uma vacaria e queijaria de proporções consideráveis. As sobras dos fornecimentos feitos à Betel americana eram vendidas em Nova York por bons preços, pois os produtos tinham boa aceitação e procura, principalmente os «queijos do reino». No entanto, não eram estes queijos nem as salsichas, ali fabricadas, o que mais importava. O valor desta quinta residia no facto de ela se encontrar a pouca distância de Nova York e no muito espaço livre de que dispunha. Os chefes, encarando a possibilidade de se dar um bombardeamento a Nova York, mandaram construir em Lansing um grande edifício para onde seriam transferidos a tipografia e o depósito de livros de Brooklyn, caso estes fossem atingidos. Quando viram que não havia perigo dum

bombardeamento e que a Betel continuava intacta, decidiram transformar aquele casarão numa escola, a Escola Bíblica de Gilead. Dentro de seis meses começaram a sair para todo o mundo os primeiros alunos formados por esta Escola. A função desses graduados era organizar novas Companhias de Testemunhas, abrir centros no estrangeiro, vender livros, pôr em prática o programa das sete etapas já descrito, e fazer prosperar a Organização em todo o mundo. Pregar o Evangelho de salvação (as Boas Novas) a toda a criautra (Mateus 28:19), foi a grande comissão de Cristo. A Torre de Vigia anunciaava, desde 1922, «o Evangelho do Reino» não para a salvação das almas, mas para ganhar dinheiro com o objectivo de enriquecer, e prestigiar a Organização. Com «palavras fingidas» fizeram dos homens negócio. Em 1931 os chefes inventaram a classe dos Jonadabes para poderem dispor dum multídão de «lenhadores e aguadeiros», escravos da Teocracia. Não era sua intenção baptizá-los em Cristo mas transformá-los em escravos da Torre, sobrecarregando-os com cargas em que eles próprios não tocavam nem com um dedo (Mateus 23:4). Estes escravos crescem e multiplicam-se aos milhões por todo o mundo e são a matéria-prima ideal para construir a Sociedade do Novo Mundo, tal como a idealizam os cabecilhas da Torre de Vigia.

Primeiro foi Russell, depois o Juiz num segundo ciclo ou era das Testemunhas de Jehová e agora é a camarilha que rege, de Brooklyn, todos os «Salões do Reino» e os mínimos movimentos da Teocracia. A sua esperança é submeter milhões de pessoas em todo o mundo, fazendo estalar depois o chicote teocrático nas costas de cada geração, nos mil anos mais próximos. Conseguí-lo-ão?

## CAPÍTULO 20

### QUEM SERÁ O VILÃO?

O desejo de manifestar amor pelos irmãos e pelo próximo, enraizado em mim através dos ensinamentos do Senhor Jesus, entrava por vezes em conflito com os ataques coléricos e fanáticos lançados pelas Testemunhas de Jehová, nas publicações da Torre de Vigia contra a religião, o clero, o Protestantismo e o Catolicismo.

#### Perplexo

Estes ataques violentos contra tudo e todos, só pelo prazer de atacar e sem qualquer necessidade ou objectivo palpável, levaram-me a observar o que se passava nos bastidores. Descobri imediatamente que praticavamos, embora às ocultas, os mesmos actos que em voz alta condenávamos aos outros. (Servem de exemplo os livros **Protecia, Inimigos, Religião e O Governo e as Riquezas**, para não mencionar senão os mais violentos). A sábia exortação de Paulo em Romanos 12:18-20 não tinha qualquer valor para nós.

Quando jovem, aprendi que o homem só tem um inimigo,

Satanás. Mas, à medida que me ia confrontando na doutrina da Religião da Torre de Vigia, verifiquei que a Sociedade, através dos seus livros, indicava a todos nós, seus escravos, uma crescente lista de inimigos. Em 1937 os ensinamentos da Organização sobre este assunto foram esclarecidos e condensados num livro — *Inimigos*. Seguiram-se outros confirmado ou esclarecendo os argumentos apresentados. Como membro da Organização aceitava esses ensinamentos, alinhando com ela, mas no meu íntimo, tinha momentos de inquietação e rebates de consciência.

#### **«A Religião, Instrumento de Satanás»**

No terceiro capítulo do livro *Inimigos* afirma-se que a Religião é uma burla, um dos instrumentos de Satanás para desonra de Deus e que a «Organização de Satanás», simbolizada por uma mulher impura cujo nome é Babilónia, deu origem à Cristandade. Cita-se, além disso, o texto do Apocalipse 17:5, assim como outras passagens e, «com palavras singelas», aplicam esses textos ao Cristianismo. As Religiões, segundo esse ensinamento, são uma fraude e de tal modo que «até os próprios assassinos, ao serem executados, procuram agarrar-se à religião para salvar as suas almas, embora isso de nada lhes sirva.» Continuando com os seus raciocínios dizem que o diabo é homicida (João 8:44), e a Religião diabólica, «não podendo haver portanto, uma Religião Cristã, o que seria uma contradição, dada a sua origem satânica.» Toda a religião é uma fraude e, no livro *Religião*, lançam ataques violentíssimos contra ela e contra todos os que albergam um sentimento religioso.

Confesso que em tudo isto não via qualquer mal, concordando até com esses ataques porque, hipnotizado, não conseguia pensar nem discernir.

#### **Os Católicos Romanos, Também**

No capítulo «Burlões», do livro *Inimigos*, os romanistas são atacados com violência e sem misericórdia. Ao lê-lo, cheguei

à triste conclusão de que, censurando e condenando a sua hierarquia, não fazímos mais do que censurar e condenar os nossos próprios actos, por vezes bem piores que os deles. Se não, vejamos: Os Católicos Romanos servem-se do Purgatório para intimidar o povo; nós, do Armagedon. Acusamos a Igreja Católica Romana de ser uma Organização, e nós não somos outra coisa. À deles damos o nome de «Organização de Satanás», à nossa, «Organização de Deus». O Catolicismo não é mais do que a religião do dinheiro porque tudo vende e de tudo procura fazer dinheiro para encher os seus cofres. As Testemunhas de Jehovah fazem o mesmo, ganhando milhões de dólares com o seu negócio. Ao ler o que acabei de expor não pude deixar de perguntar a mim mesmo: Afinal, quem é o vilão?

#### Dizem que o Protestantismo é o «Filho da Grande Prostituta»

O ataque contra o Protestantismo é, ainda e se possível, mais virulento. No livro *Libertação* declaram que o Protestantismo é «o filho da grande prostituta» e no livro *Religião* dizem que ele «segue uma ciência diabólica» e está mais corrompido que o Catolicismo Romano (*Justificação*, pág. 309, edição inglesa, 1932). Para exemplificar estes ataques transcrevo em seguida um parágrafo do livro *Filisteus*, a págs. 285.

«Segundo as Escrituras, a destruição dos «religiosos» dar-se-á no inicio da batalha do Armagedon. Essa destruição começará pela hierarquia romanista. O Cristianismo surgiu como igreja de Roma e dela nasceu a Hierarquia. A essa organização dão as Escrituras o nome feio de «velha prostituta». Houve um tempo em que o Protestantismo se opôs aos Católicos Romanos mas desde a guerra (a de 1914) uniram-se aos romanistas e, juntos, formam «a grande prostituta». Todos estes criminosos, inimigos de Deus, conceberam a «Sociedade das Nações» para com

ela substituirem o Reino de Deus. O seu empenho tem sido afastar as pessoas» de Jehová e do Seu Rei. Pretendendo servir a Deus, são súbditos de Satanás, segundo o que se descreve no Apocalipse 7:16, 17 (Veja-se o segundo tomo de Luz e o opúsculo Preservação).»

Como vêem tenho razões para desmascarar a Sociedade da Torre de Vigia. Já sabeis como fui maltratado durante trinta anos de escravidão. Esses homens foram os carcereiros de que fugi, não me atrevendo, portanto a julgá-los como eles julgam os seus «inimigos». Se o fizesse temia desafiar a ira de Deus, atraindo-a sobre a minha cabeça. Não me manifesto, tão pouco, por vingança. Escrevo tão somente esperando que o Senhor abra os olhos dos meus ex-irmãos para que vejam a cilada em que cairam e Se digne usar a história da minha escravidão como uma advertência para que outros não se deixem apanhar no laço da Torre de Vigia. Poderia citar inúmeras passagens, insinuações e afirmações escritas pelos membros da classe dos Servos Sábios e Fiéis; mas não devo cansar o leitor com uma extensa colecção de acusações e invectivas. Podeis ler nos seus livros como apelidam os clérigos de «sanguinários», acusando-os também de «fazerem de Deus um mentiroso», de serem «pregadores de Satanás» e «dadrões». (Do livro Profecia).

Quando releio por vezes essas acusações e insultos e observo que os pastores, embora cheios de razão e fundamentos, não lhes deram a mínima réplica, convenço-me que estes ataques constantes não tinham outra finalidade senão criar nas Testemunhas de Jehová um ódio acérrimo em vez de amor. Por isso mesmo odeiam os que não pensam como eles, sendo incapazes de manifestar os frutos do Espírito. O amor de Deus e de Cristo, dos Apóstolos e do Cristianismo verdadeiro não pode tomar expressão no ambiente frio da venda de livros, registo de horas e preenchimento das quotas impostas pelos chefes. O amor opera pelo coração e pela mente do indivíduo.

### Como as vítimas de Haman

Em consequência das campanhas impetuosas promovidas pelas Testemunhas de Jehová em Nova Jersey, conforme já mencionámos, foi-lhes interdito o uso das estações de radio-difusão. Enredados em mil dificuldades por suas próprias mãos e iniciativa, impunha-se encontrar uma saída airosa. Para isso acusaram os dirigentes das denominações protestantes de impedirem que se transmitisse ao público toda a «verdade». O clero e esses dirigentes eram, assim, um novo Haman, o inimigo dos judeus, o povo de Deus, segundo o relato do livro de Ester. Torna-se, porém, inexplicável que o clero e os dirigentes protestantes, tão poderosos segundo diziam, nada tivessem feito para inutilizar por completo as Testemunhas.

### «Temei a Deus, Honrai o Rei»

A religião de Jesus mostrou sempre um profundo respeito pela lei e pela ordem. Amar a Deus e a pátria fazem parte essencial da vida dum cristão. A submissão a Deus vem em primeiro lugar; mas não esqueçamos que Cristo chorou sobre Jerusalém e profetizando sobre o seu futuro não a condenou ao Armagedon com um gesto de rancor e vingança. A Bíblia ensina que «toda a alma esteja sujeita às potestades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus» (Romanos 13:1). Em 1 Pedro 2:17 lemos: «Temei a Deus. Honrai o Rei», No entanto, as Testemunhas de Jehová não aceitam esta doutrina e declaram, pelo contrário, que todos os governos são de Satanás.

### Esclarece-se o Mistério

Quando me apercebi dos constantes ataques e da repetição de tantas insolências em todos os livros e opúsculos da Torre de Vigia, Deus mostrou-me a frequência com que esses temas eram abordados, e isto com o único fim de perverter a inteli-

gência e compreensão das pobres Testemunhas, envenenando-as, assim, contra os que não pensam como elas e de quem fogem como do próprio Satanás.

Dou graças a Deus por esta descoberta, feita quando meditava nestas coisas, e também por terem caído as escamas fabricadas pela Organização e que cobriam os meus olhos. Na maneira de proceder da Torre vi a enormidade da escravidão que me dominava, masvê-la e libertar-me dela são coisas bem distintas. No capítulo seguinte mostrarei como se deu a minha libertação.

## CAPÍTULO 21

### LIBERTAÇÃO...

#### **Deus ouviu a Minha Oração**

Ter-me libertado da escravidão da Torre de Vigia e poder escrever sobre esse assunto constituem um verdadeiro milagre e uma prova evidente da graça divina. Fui escravo durante 30 anos numa gaiola dourada que eu próprio ajudei a construir, mas Deus libertou-me porque, para Ele, não há impossíveis. E este facto mostra aos milhares de escravos da Torre que eles também podem encontrar uma saída, apontando-lhes, até, o caminho.

Sabia há muito que o Senhor queria a minha devoção e a obediência à Sua vontade, em vez de me entregar à escravatura dumha organização humana. Eu, porém, sou um homem cheio de fraquezas e a Sociedade não desconhecia esse facto. Estava a par dos meus antecedentes, fraquezas e temores, pois possuía nos seus arquivos o registo de todos os meus erros. Sabia, portanto, como proceder para me intimidar, explorando ao mesmo tempo as fobias inoculadas em mim durante o longo período em que influenciara, totalmente, a minha vida. E o pior era a minha consciência desse facto.

Publico este livro certo de pôr em perigo a minha subsis-

tência futura e de arriscar, até, a própria vida. Mas não tenho outro caminho a seguir, porque fiz um voto a Deus e é Ele que me ampara e dá forças. Durante uma noite inteira orei ao Senhor com toda a sinceridade e devoção, pedindo-Lhe que me libertasse, prometendo então fazer quanto pudesse, segundo a Sua vontade e ajuda, para denunciar com veemência a terrível escravidão que me dominara por 30 anos. E assim em cumprimento desse voto público este livro, confiando em que o Senhor, sempre fiel, me livrará de todos os males.

#### Aumentando o meu Rendimento

Enquanto desempenhei o lugar de Servo de Zona, esta forneceu-me alimento, casa e roupas. Em Dezembro de 1941, quando terminei esse trabalho principiando a actuar como Pioneiro, e por ter deixado de receber aquelas ajudas, fui obrigado a arranjar maneira de aumentar o rendimento proveniente da venda de livros, opúsculos e revistas da Torre de Vigia. Conhecendo a fundo o ramo livreiro, ocorreu-me estabelecer um pequeno negócio de venda de Bíblias e livros. Para isso formei a firma W. J. Schnell & C<sup>°</sup> que fornecia, a baixo preço, Bíblias e outros livros às Testemunhas de Jehová, conseguindo assim governar a minha vida honesta e honradamente. Este trabalho decorreu sem qualquer contrariedade até 1943. Nessa altura recebi uma carta da Sociedade impondo-me a suspensão desse negócio por causa dos prejuízos morais que dai pudessem advir à Teocracia; mas, no fundo, a carta tinha outro significado. Os chefes queriam comunicar-me simplesmente que só à Sociedade competia vender livros, não só por causa dos lucros mas também para poder controlar as leituras das Testemunhas de Jehová. Neguei-me a obedecer a essa ordem, mostrando necessitar dos lucros para me manter. Não voltaram ao assunto mas a minha desobediência levantou alguns atritos e complicações.

### Uma Existência Miserável

Sob uma vigilância e espionagem constantes, a minha existência tornou-se um inferno. Procuravam arruinar o meu pequeno negócio espalhando a mentira de que enriquecia à custa das Testemunhas de Jehová. Esta situação arrastou-se até 1949, altura em que me senti cansado de tudo. Cansado da constante espionagem, da vigilância e do desgaste causado pela incessante oposição e má vontade. Assim, resolvi abandonar o meu lugar. Esta atitude levaria a uma de duas soluções: seria transferido para outro local, ou permaneceria na mesma localidade mas trabalhando como um Pioneiro vulgar.

Em 1946 o meu negócio prosperou inesperadamente e para além da minha expectativa com a publicação de uma lista de livros, à maneira de catálogo, e a que dei o nome de **Bibliografia**. Nesta lista indicava as diferentes versões da Bíblia, títulos de vários livros, sua descrição e algumas notas explicativas do respectivo conteúdo e valor. Com a publicação da **Bibliografia**, distribuída pelo correio, e com um aspecto gráfico atraente, o número de fichas do meu arquivo subiu para três mil nomes e moradas. O negócio, mantido de minha casa e através do correio, aumentava a olhos vistos.

Entretanto, dedicara-me à leitura da Bíblia com mais assiduidade e sem as sugestões e ajudas dos livros e revistas da Torre de Vigia. Deus, na Sua muita misericórdia e bondade, iluminou e abriu o meu entendimento libertando-me da hipnose em que até ali vivera. Voltei a sentir novas forças espirituais e, embora não me opusesse ao que a Torre escrevia, a **Bibliografia** reflectia, sem dúvida, a alteração que em mim se operara, provocando certas consequências e repercuções, como era de esperar.

Em meados de Fevereiro de 1951 recebi uma carta da Sociedade comunicando-me que fora demitido do meu cargo de Pioneiro por publicar a **Bibliografia**, por não preencher a quota para mim estabelecida e por enviar livros à consignação para as várias Testemunhas de Jehová. A Sociedade não admitia um tal procedimento, querendo para si e entre os seus

membros, o exclusivo da venda de livros. Estava pronta a readmitir-me mas, sómente, se liquidasse o meu negócio, aceitando uma submissão completa (Apocalipse 13:17).

Nada me poderia ter ferido tão profundamente. Vi, com grande surpresa, que os anos gastos a servir a Sociedade tinham sido inúteis. Viera a tempestade, sopravam ventos ciclónicos e o edifício da minha religião ruia... Compreendi que durante todos esses anos construiria sobre areia. Sentia-me confuso e espiritualmente vazio. Era o fim. Recordava que na minha juventude construiria sobre a rocha, servindo a Cristo; agora meditava na possibilidade de voltar as esse tempo feliz.

O meu negócio, devido à boicotagem, quase naufragou. Os compradores, Testemunhas de Jehová na sua quase totalidade, abandonaram-me. Tendo feito grandes encomendas para atender ao crescente volume de vendas, encontrava-me endividado. Se todos os meus credores fossem Testemunhas de Jehová, teria sido forçado a falir, pois não teriam a mais leve condescendência para comigo. Mas, felizmente, os negociantes de livros com quem transaccionava compreenderam a minha posição e situação, concedendo-me a prorrogação dos prazos de pagamento. Desde então, e pela graça de Deus, já saldei a maior parte dessas contas.

As Testemunhas de Jehová, porém, não deixaram de fazer-me a vida negra. Procuraram dificultar por todos os meios o resgate dos meus débitos. Desisti de publicar a *Bibliografia* pensando que, assim, talvez deixassem de me perseguir. Como estava enganado! A pressão era continua e enervante. Recebia cartas anónimas ameaçando-me de várias manciras caso eu persistisse na minha atitude. Cinco e seis vezes por dia atendia o telefone sem que ninguém me respondesse. Mentiam, aviltavam e caluniavam para que o meu crédito se perdesse. Cai no desânimo. No campo espiritual senti-me um naufrago e, fisicamente, sofri um ataque cardíaco.

### Rendição Completa

Com a leitura continua e persistente da Palavra do Senhor, sem me servir das interpretações falsas da Torre de Vigia, reconquistei, aos poucos, o meu equilíbrio espiritual. Quanto mais apreendia os propósitos de Deus em Jesus Cristo, mais me compenetrava da necessidade e dever de desmascarar esse monstro horrível que se desenvolveu nestes últimos 70 anos e ameaça a Cristandade.

Não julguem, porém, que a batalha estava ganha. Sabia muito bem e por experiência, do que eles eram capazes. Tendo em tempos actuado contra outros, conhecia as armas de que dispunham. Além disso, quando desenvolvemos em nós a arte de atormentar os outros, como foi o meu caso durante 30 anos, parece que nos tornamos mais vulneráveis a essas mesmas torturas. E foi o que se deu comigo. Cai num autêntico inferno! Vencido, tentei afastar as advertências do Espírito Santo ingerindo bebidas alcoólicas que, como era de esperar, só agravaram, e não pouco, a situação. Esta fraqueza, transformada brevemente em vício, foi explorada pelos meus inimigos que me proporcionavam os recursos necessários para a compra de bebidas!

O medo apossou-se, então, de mim! Os espías que a Sociedade pusera no meu encalço pressentiram essa fase e, tirando partido dela, arranjaram meios de aumentar os meus tremores e fobias. Dispunham dum solo amplo e fértil. Durante todos esses anos eu falhara como cristão, vivendo em duplicidade. Daí a corrupção do meu discernimento que me levava a praticar muitos erros e a tomar decisões erradas.

Habituado a suprir as minhas necessidades através da venda de livros por conta da Sociedade da Torre de Vigia, e tendo absorvido os seus errados conceitos sobre recursos e maneiras de os obter, eu não me encontrava habilitado a lidar com dinheiro. Este facto contribuiu para agravar o meu problema. Não podendo, de momento, pagar as minhas dívidas a consciência atormentava-me, e eles, conhecendo esta fraqueza,

aproveitaram-na lembrando-me, constantemente, as consequências nefastas de uma acção de credores. Não podeis calcular o efeito e o desgaste duma tal actuação. Abatido, feito um farrapo, transformado num bêbado, doente, tanto física como espiritualmente, cheio de temores e fobias, caminhava para a morte. Tentei libertar-me mas não tive forças. Voltei a beber repetidas vezes e sempre que o medo me dominava. Para tanto bastava receber ameaças das Testemunhas. Só o Senhor me podia libertar. Por mim, não o conseguia.

Numa noite, finalmente, rendi-me incondicionalmente ao Senhor. Encontrando-me em casa sózinho caí de joelhos e expus a Deus o que digo nestas páginas. Nessa noite inovável arrependi-me dos meus pecados e abri o meu coração a Deus, agradecendo-lhe não me ter abandonado apesar do meu procedimento errado e também por todo o bem que me concedera. Quando o dia despontou ainda orava, prometendo, então, ao Senhor escrever este livro e expor o procedimento maiavélico da Torre de Vigia.

### **Liberto**

Ao começar esse novo dia a luz do Senhor iluminou a minha alma, «libertando-me de todos os temores». Encontrava-me calmo, seguro e cheio de paz de espírito. Tinha a certeza de não mais ser afligido pelos temores da Sociedade da Torre de Vigia ou pelo que ela me pudesse vir a fazer, sentindo-me também salvo do destruidor vício da bebida. Deus perdoara-me e, pela primeira vez em 30 anos, experimentava a paz que transcende todo o entendimento humano.

Estes acontecimentos deram-se em Abril de 1952 e hoje, ao terminar este livro, estamos em Abril de 1956. Durante estes quatro anos nunca mais senti a necessidade de recorrer ao álcool! A minha vida sofreu uma alteração profunda a partir dessa manhã de Abril de 1952. Como explicá-la? Só pela graça de Deus que ouviu e respondeu à minha oração.

Liberto desses dois males, o temor da Torre de Vigia e a embriaguez, comecei a «andar em Espírito». Desde esse momento não permiti que coisa alguma me desviasse do meu propósito. A Torre continuava insistindo nas suas intenções julgando vencer-me; mas ela ignorava o que se passara entre mim e o Senhor.

Num domingo à noite, em 1953, saí por minha própria vontade de um dos Salões do Reino para nunca mais lá voltar. Depois de tomar esta atitude recebi a visita de várias Testemunhas de Jehová. Tratei-os sempre amigavelmente e, dentro dum espírito verdadeiramente cristão, fugia de fazer qualquer comentário desagradável ou estabelecer a mínima discussão sem, contudo, revelar os pormenores da minha vida, projectos ou pretensões. Como esse fosse o seu objectivo e nada conseguissem, deixaram, em breve, de me procurar.

Em Agosto de 1954, precisamente 30 anos depois de ter sido apanhado na rede da Torre de Vigia, anunciei numa circular a publicação dum livro em que denunciaria a Organização da Torre de Vigia. Recebi inúmeras cartas com ameaças e comentários adversos mas, desta vez, já não tiveram a mínima influência sobre mim. Saíra do labirinto da escravidão da Torre para «a liberdade gloriosa dos filhos de Deus» (Romanos 8:21). Pela primeira vez na minha vida só me alimentava da verdade contida na Palavra de Deus, e essa verdade libertou-me (João 8:32)!

#### Aos meus Ex-«Irmãos»

Uma palavra amiga para os que querem libertar-se da tirania da Torre. Ponde acima de tudo a vossa mente no Senhor e deixai que Ele preencha as vossas faculdades e afectos em vez de os entregardes à Sociedade da Torre de Vigia. Lêde a Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus, em vez das suas publicações, não perdendo também tempo com a sua venda. Praticai o bem e afastai-vos do mal. Orai sem cessar. Reuni-vos com os cristãos

que amam e obedecem ao Senhor e fui dos Salões do Reino. Procedendo desta maneira, começareis a andar em Espírito e não nos trilhos da Torre que vos levarão, sem dúvida, à perdição. Não vos sacrificueis à Sociedade mas apresentai antes «os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus» (Romanos 12). Não prestais informações à Sociedade. Estai certos de que o Senhor conhece tudo que fazais, assim como o que deixais por fazer, e isso tem mais valor que receber a aprovação dos homens pelas informações dadas. Cultivai a mente de Cristo em vez da mente da Teocracia, divulgada pelos chefes da Torre. Assim, alcançareis a liberdade descobrindo, também, que «todas as coisas contribuem para o bem dos que amam a Deus» (Romanos 8:28), sem ser necessário preencher quota ou cumprir as obrigações impostas pela Torre de Vigia.

Que feliz será para vós o dia em que as algemas da escravidão cairem, sentindo-vos, então, novamente livres «com a liberdade gloriosa dos filhos de Deus»!

## CAPÍTULO 22

### ADVERTÊNCIA

Cristãos! Ouvi-me, vós que adorais a Deus segundo os ditames da vossa consciência: Israel, no tempo do Velho Testamento, afastou-se de Deus pedindo um rei. O profeta disse-lhes que se transformariam em escravos mas, mesmo assim, insistiram e em três gerações apenas, de Saúl a Salomão, ficaram tão fartos que, ao morrer este último rei, dez das tribos revoltando-se formaram uma nação à parte.

De igual modo surgiu um movimento inspirado no procedimento desses três reis e que se intitula «Teocracia» ou sistema de culto totalitário. Este polvo monstruoso, estendendo por todo o mundo os tentáculos da religião da «compra e venda», lava dos cérebros todo e qualquer vestígio da religião individual dos crentes em Cristo, transformando-os em escravos. Declara que só ela tem entrada no Templo do Senhor para receber a «nova luz» e as novas verdades, tendo também o direito exclusivo de interpretar as Escrituras. Afirma serem os seus escravos o Israel de Deus e, apoderando-se das promessas do Senhor feitas ao Seu povo, põe de parte o nome de Cristo. Forma uma classe de escravos, a que dão o nome de Jonadabes. Desvirtua doutrina pura, estabelecendo que a salvação pelas obras asubstitui a graça da salvação pelo sangue de Cristo derramado

por nós. Impõe a todos a lei do seu «reino», dominando-os com as sete etapas já descritas. Não adora a Deus nem bebe nas fontes puras da Palavra. Os seus súbditos são escravos da Torre e orientam-se pelos livros que edita a Sociedade das Testemunhas de Jehová. Recordai a experiência por que eu passei!

A Organização durará uns mil anos e tornar-se-á, segundo os chefes dizem, a Sociedade do Novo Mundo. Os seus adeptos, depois de percorrerem todas as etapas até ao baptismo, entram para a Teocracia. Morrem para si próprios e vivem para a Torre. Perdem a esperança pessoal no Senhor Jesus e na redenção eterna que Ele comprou com o Seu sangue. Agora, transformados nuns pobres escravos ou Jonadabes, nada mais são do que «Anunciadores do Reino» com o cérebro lavado, não pretendendo sequer serem de Cristo.

Vós, que adorais a Deus livremente, não podeis imaginar a escravidão em que se encontram enterrados esses emissários da Teocracia que batem às vossas portas. Renunciaram à sua personalidade e à orientação do Espírito, não sabendo o que lhes poderá acontecer nem para onde vão. São como Zombis, meio vivos meio mortos. Percorrem a sua área e repetem as palavras da Torre: «Represento a Sociedade da Torre de Vigia e venho para pregar a mensagem do Reino. Tenho aqui um livro que será seu em troca de dez escudos. Esta importância destina -se a cobrir as despesas de impressão».

Mas esses «autómatos» são perigosíssimos! Ao comprar o livro ligareis o circuito duma reacção em cadeia. Primeiro, será a repetição da visita. Depois, o estudo doméstico. Em seguida, e a pouco e pouco, passareis pelas restantes etapas que findarão com o baptismo e a escravidão. Vós e as vossas famílias ficareis expostos, dai em diante, ao método totalitário dessa religião em massa.

Podeis ser levados a comprar um livro com a simples intenção de ajudar o que aparenta ser um trabalho cristão. Não vos iludais! As Testemunhas não o considerarão assim. Vêem, sólamente, que se apoderaram dos despojos dos incircuncisos egíp-

cios. Quando comprais um livro transformai-vos, para eles e até prova contrária, em pessoas de «boa vontade», pondo logo em movimento as engrenagens do seu sistema envolvente e não vos deixarão até que, iguais a eles, dantes livres e agora escravos submissos, sejais também adeptos escravizados da Torre de Vigia. Não tardarão em apor nas vossas mãos e testas «a marca da Besta». Os homens têm adorado a madeira, as pedras, os ídolos e o fogo; têm seguido vários ritos de adoração, tanto bebendo como comendo mas a Sociedade da Torre de Vigia inventou um novo tipo de adoração: o culto de «compra e venda» (Apocalipse 13) a que dá o nome de «Teocracia», praticado pelas Testemunhas de Jehová e não passando, portanto, dum a adoração idólatra, leva os homens ao abismo. Com blandícias podem arrastar-vos à ruína espiritual, bastando para isso que sejais tentados a abrir as vossas portas pela primeira vez e a comprar um dos livros, porque a repetição da visita não tardará. Depois e em breve, a «Testemunha» começará o estudo e, se deixardes de ler a Bíblia e nela meditar, trocando-a pelos livros e escritos da Torre, ficai certos que estais perdidos de uma vez para sempre. Ganhareis a entrada no mundo teocrático mas perdereis a personalidade, condenando-vos à perpétua cegueira da escravidão.

Assim, pois, sede sábios! Quando as Testemunhas baterem à vossa porta defendei-vos com as sólidas verdades da Bíblia e eles ficarão desarmados. E se o não puderdes fazer, fugi delas negando-vos a comprar qualquer livro. Lembrai-vos! Nada de dar o primeiro passo, a compra do livro. Se o fizerdes, por muito inocentemente que seja, correis o perigo de iniciar a reacção em cadeia, tomando um caminho tortuoso que vos conduzirá à mais ignominiosa escravatura.

Que a minha vida de escravidão vos sirva de advertência! Foram necessários 30 anos para me libertar!

---

**Composto e impresso nas  
Oficinas da «Gazeta do Sul-  
MONTIJO**

---

Vejam o video " O Mundo perfeito de Jeová"  
Traduzido e legendado exclusivamente por  
membros do fórum  
<http://extestemunhasdejeova.net/forum/index.php>

Para ver sigam o link

<http://escravodaverdade.blogspot.com/2010/10/o-mundo-perfeito-de-jeova.html>